

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

CARINA DA SILVA DE LIMA HENTGES

**A EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS VISANDO O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS EM ALUNOS DA 5ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
estudo de caso no Colégio Farroupilha**

**PORTO ALEGRE
2008**

CARINA DA SILVA DE LIMA HENTGES

**A EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS VISANDO O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS EM ALUNOS DA 5ª SÉRIE DE ENSINO
FUNDAMENTAL:
estudo de caso no Colégio Farroupilha**

Monografia desenvolvida como requisito para conclusão da Atividade Trabalho de Conclusão do Curso, do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Orientadora: Prof. Ms. Jussara Pereira Santos. CRB-10/9

**PORTO ALEGRE
2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann

Vice Reitor: Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Valdir José Moriji

Vice-diretor: Ricardo Schneiders da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Iara Conceição Bitencourt Neves

Chefe-substituta: Marlise Maria Giovanaz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Vice-coordenadora: Maria Lúcia Dias

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

H732e Hentges, Carina da Silva de Lima

A Educação de Usuários Visando o Desenvolvimento de Competências Informacionais em Alunos da 5ª Série de Ensino Fundamental: estudo de caso no Colégio Farroupilha./ Carina da Silva de Lima Hentges; orientadora Jussara Pereira Santos – 2008. – Trabalho de Conclusão (Graduação em Biblioteconomia). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

1. Biblioteca Escolar. 2. Educação de usuários. 3. Competências Informacionais
- I. Santos, Jussara Pereira. II. Título

CDU 027.8

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana, Porto Alegre, RS

CEP: 90035-007

Fone: (51) 3308-5146

Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

A Banca Examinadora abaixo assinada aprova o trabalho de Conclusão de Curso:

**A EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS VISANDO O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS INFORMACIONAIS EM ALUNOS DA 5ª SÉRIE DE ENSINO
FUNDAMENTAL: estudo de caso no Colégio Farroupilha**

Elaborado por Carina da Silva de Lima Hentges, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Banca Examinadora:

Profa. Ms. Jussara Pereira Santos
Orientadora

Profa. Ms. Martha K.K. Bonotto
Examinadora

Bibliotecária Vera Lúcia Merlo
Examinadora

Aprovada em de 2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para chegar até o final deste Trabalho, por ter me proporcionado a inserção em uma Universidade pública e oportunizar a conhecer esta profissão, a de bibliotecário.

Agradeço a minha família, principalmente minha vó, por estar ao meu lado sempre que eu preciso.

Aos meus colegas, companheiros de batalha, de trabalhos, de conversas e amizade.

Agradeço também as pessoas que, de uma forma ou outra, com palavras de incentivo ou não, me deram força para continuar nesta caminhada.

RESUMO

A biblioteca escolar é responsável pelo primeiro contato dos alunos de uma escola com o ambiente informacional. Usualmente é responsável pela formação e pelo desenvolvimento do hábito da leitura no corpo discente e por prestar apoio pedagógico aos professores e participar da promoção do desenvolvimento cultural de toda comunidade escolar. A aquisição de habilidades no uso da informação é um fator que tem se tornado de suma importância em decorrência do ambiente tecnológico atualmente presente nas bibliotecas. Para que estas habilidades sejam adquiridas, os programas de educação de usuários em bibliotecas escolares têm sido realizados, atualmente focados em instrumentalizar os usuários para o uso dos recursos informacionais existentes na biblioteca, o uso adequado da informação obtida e o desenvolvimento de competências que sejam utilizadas ao longo de suas vidas. Diante esta compreensão, foi desenvolvido este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo tema é a educação de usuários como auxiliar na aquisição de competências informacionais em alunos de quinta série. O referencial teórico destaca principalmente o papel da biblioteca escolar como auxiliar na aquisição de competências informacionais, pois o bibliotecário escolar necessita colaborar no processo de ensino e aprendizagem quanto ao uso dos recursos e serviços oferecidos, além de fornecer acesso adequado à informação. Para isso, é necessário o conhecimento das características da faixa etária dos usuários, características estas embasadas neste estudo por Jean Piaget e seus estudos sobre o Desenvolvimento Cognitivo da Criança. Foi realizado um estudo de caso do tipo exploratório, visando à coleta de dados através de questionário junto aos usuários da quinta série do ensino fundamental da Biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha, para a verificação do nível de satisfação destes em relação ao uso da Biblioteca. A partir dos dados expressos, foi possível elaborar um Programa de Educação de usuários, cumprindo o objetivo geral deste estudo, que foi favorecer o desenvolvimento de competências informacionais para estes alunos com a implementação de ações nos Plano de Sensibilização e Plano de Orientação. Identificou-se que os usuários da Biblioteca pesquisada possuem algumas dificuldades e desconhecimentos quanto ao seu uso, principalmente sobre a base de dados disponível. A partir deste estudo, concluiu-se que uma biblioteca escolar somente alcançará seus objetivos se educar seus usuários, desde sua mais tenra idade, para serem usuários autônomos e competentes no ambiente informacional contemporâneo.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Competência Informacional. Educação de Usuário.

ABSTRACT

The school library is responsible for the first contact by the students with the information environment. Usually, is responsible for learning and development of reading habit of the students and participate in the cultural development promotion of all scholastic community. The information literacy acquisition is a very important factor by the technological environment actually present in the libraries. For the acquisition of this abilities, the user of education program have been done, actually focused to support students to use information resources and help them to use these abilities in the course of their lifes. After this comprehension, this study have written, which is about users education by helping in the acquisition of information literacy in fifth grade students. The theoretical study shows mainly the school library's role by acquisition of information literacy, cause the librarian needs to colaborate in the learning process, offer services and provide easy access to information. For that, the librarian need to know the age of users, informations based this study for Jean Piaget and his theory about Child's Cognitive Development. It was realized a field research through a questionnaire with the fifth grade students from Colégio Farroupilha Manoelito de Ornellas Library, for the satisfaction level check. Since that it was possible elaborate a user education program, doing the general purpose of this study, supporting the information literacy to these students with the action stablishment in the Sensitivity Plan and the Orientation Plan. It was identified that library's user have some difficulties and gaps in its use, mainly about the available database. It ends concluding that a library only will reach its purposes if it teaches the users, since young age to be autonomic users and able in the contemporary information environment.

Key-words: Library School. Information Literacy. User Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sexo dos entrevistados.....	56
Tabela 2: Frequência de Uso da Biblioteca	57
Tabela 3: Motivação de Uso da Biblioteca	57
Tabela 4: Uso do Catálogo <i>Online</i>.....	58
Tabela 5: Atitude na Busca de Informação	58
Tabela 6: Materiais freqüentemente utilizados	59
Tabela 7: Uso da Bibliotequinha	59
Tabela 8: Satisfação em Relação ao Atendimento das Funcionárias ...	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	12
2.1 Histórico da Instituição.....	12
2.2 Histórico da Biblioteca.....	14
3 OBJETIVOS.....	17
3.1 Objetivo Geral.....	17
3.2 Objetivos Específicos.....	17
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
4. 1 Educação e o Ensino Fundamental.....	18
4. 2 O Desenvolvimento Cognitivo da Criança segundo Piaget.....	24
4. 3 A Biblioteca Escolar.....	27
4.4 O Bibliotecário Escolar.....	38
4. 5 A Educação de Usuários como Auxiliar na Aquisição de Competências Informacionais	41
4. 6 O Programa de Educação de Usuários: uma questão de planejamento.....	50
5 METODOLOGIA.....	54
5. 1 Tipo de Pesquisa.....	54
5. 2 Instrumento de Coleta de Dados.....	54
5. 3 Descrição da População.....	55
5. 4 Tipo de Amostragem.....	55
5. 5 Tratamento e Apresentação dos dados.....	55
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	56
6.1 Características Gerais.....	56
6.2 Frequência e Uso da Biblioteca.....	56
6.3 Satisfação quanto ao Uso da Biblioteca e Sugestões.....	59
6.4 Discussão Geral dos Resultados	61
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO.....	72

APÊNDICE B- O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS DA BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS.....	75
APÊNDICE C- PLANO DE SENSIBILIZAÇÃO.....	84
APÊNDICE D- PLANO DE ORIENTAÇÃO.....	95
APÊNDICE E- MODELO DE FOLDER.....	114

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar ainda é um local considerado ambíguo, com conceituações equivocadas, mesmo tendo só uma definição, cabendo salientar aqui que definição e conceitos são coisas diferentes. Assim, para educadores e alunos, algumas vezes conscientes da responsabilidade da biblioteca escolar, essa deveria ser não só o local onde se acumula material bibliográfico, submetido ao necessário tratamento técnico, mas preponderante no processo educativo.

Para o leigo, a biblioteca escolar é qualquer lugar onde se acumulam materiais como livros, folhetos, periódicos e outros tipos de materiais sem que estes recebam, necessariamente, um tratamento específico através de pessoas capacitadas para tanto. A denominação biblioteca escolar, determinadas vezes, é utilizada sem nenhum critério para designar uma estante com alguns livros, localizada num recanto qualquer de uma escola.

Esse tipo de biblioteca é aquela que tem como objetivos específicos facilitar o ensino fornecendo o material bibliográfico adequado, tanto para o uso dos professores como para o uso dos alunos, bem como despertar nesses o gosto pela leitura, com o intuito de desenvolver-lhes a capacidade de busca e uso da informação corretamente.

A educação, base de todo processo de ensino, e nele inclui-se a biblioteca escolar, tem acenado para um novo momento, no qual o educando necessita de uma aprendizagem para levar ao longo de toda uma vida. Essa educação continuada fará com que ele pense o novo e reconstrua o velho.

As escolas brasileiras se apóiam nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação, que apontam diretrizes para o trabalho pedagógico. Seu objetivo é de auxiliar os estudantes no domínio de conhecimentos e atitudes que necessitam para tornarem-se cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Os saberes formados socialmente encontram-se registrados em diversos suportes informacionais, que vão desde os textos impressos tradicionais aos recursos audiovisuais, com informações dispostas no espaço virtual. Tal tecnologia, ao gerar um ambiente onde pode ser encontrada uma gama enorme de documentos, agrega uma nova perspectiva ao processo de formação escolar, já que essa abundância de informação precisa estar disponível de forma adequada, com a finalidade de instrumentalizar os usuários na sua aprendizagem. Além disso, exige novas competências de quem precisa ou pretende acessá-las.

Assim, com os subsídios do espaço da biblioteca escolar, os recursos informacionais se constituirão em uma fonte rica que propicia o desenvolvimento de conhecimento,

habilidades e competências informacionais necessárias para o usuário (neste caso, toda a comunidade escolar) conviver na chamada Sociedade da Informação. Assim, dentro dessa perspectiva, seria fundamental uma educação de usuários em bibliotecas escolares, ou seja, alunos do ensino fundamental, e, posteriormente, de ensino médio, competentes no uso da informação.

Jean Piaget desenvolveu a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo da Criança na qual quatro estágios demonstram como as crianças aprendem e crescem intelectualmente: sensório motor (0 a 2 anos); pré-operacional (2 a 7 anos); operacional-concreto (7 a 11 anos) e por fim, o estágio de operações formais (11 anos em diante) (PIAGET, 1994). Essa teoria é apresentada neste estudo com o intuito de fundamentação uma vez que indica quais são as possibilidades em cada um dos estágios para o desenvolvimento de habilidades e competências em informação em cada faixa etária.

Diante desses fatos, realizou-se um estudo de caso de tipo exploratório sendo que a Biblioteca pesquisada foi a Biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha. Conseqüentemente, foram estudados seus usuários, alunos da quinta série do ensino fundamental, que estão dando início no uso da mesma e, assim, pretendeu-se diagnosticar e identificar as possíveis carências informacionais desses usuários, e, com isso, propor um Programa de Educação de Usuários para beneficiar o desenvolvimento de competências informacionais desses alunos através das ações nele projetadas.

Portanto, este estudo se propõe ao seguinte questionamento quanto às competências em informação em alunos de ensino fundamental: **Quais os elementos necessários que devem compor um Programa de Educação de Usuários com vistas à superação das eventuais dificuldades de uso apresentadas pelos alunos da quinta série do Colégio Farroupilha para a aquisição de competências informacionais?**

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

O Colégio Farroupilha é uma instituição educacional fundada em 1886. Com uma proposta educacional fundamentada no aprendizado múltiplo das diversas áreas do conhecimento, aliada à prática desportiva, busca valorizar os talentos individuais, incentivando os estudantes a desenvolverem habilidades nas áreas artísticas, culturais e esportivas. O Colégio congrega a sua tradição aos desafios dos tempos modernos, aperfeiçoando a prática pedagógica sem desvincular-se das suas raízes germânicas.

2.1 Histórico da Instituição

A história do Colégio Farroupilha remonta ao ano de 1858, quando, no dia 21 de março, foi fundado a DEUTSCHER HILFSVEREIN – Associação Beneficente Alemã – hoje Associação Beneficente e Educacional de 1858 (ABE), por um grupo de pessoas solidárias, em sua maioria alemães natos, com o objetivo filantrópico de assistir imigrantes alemães necessitados e/ou seus descendentes. Depois de três décadas de exitoso trabalho assistencial, quando foram realizadas ações pioneiras (como a criação do serviço de ambulâncias, o apoio financeiro a colonizações, o amparo a instituições assistenciais e a criação do banco de empréstimos), os sócios dividiram-se em duas correntes: uma que possibilitou a criação de um hospital especializado para imigrantes alemães (origem do Hospital Moinhos de Vento) e a outra que considerou prioritária a fundação de uma escola que legasse às futuras gerações, de forma sistemática, a herança cultural trazida da Europa (COLÉGIO . . . , 2007).¹

O grupo do legado cultural reuniu-se periodicamente durante vários anos para sonhar e traçar as diretrizes que deram origem à escola que tinham em mente. Em sua visão de futuro, vislumbraram a importância gradativa de dois fatores para o verdadeiro desenvolvimento dos indivíduos e das nações: o domínio do conhecimento e a importância da educação.

A contribuição a dar não seria comum. O abrir das portas do Colégio Farroupilha, em 1º de março de 1886, objetivaria a conquista da excelência em ensino e educação. Então, fundou-se na Rua Senhor dos Passos, a KNABENSCHULE DEUSTCHEN HILFSVEREIN (Escola de Meninos da Associação Beneficente Alemã), com 70 alunos, dois professores e um diretor, em algumas salas alugadas da Comunidade Evangélica. Segundo Telles (1974), os

¹ Documento eletrônico.

primeiros cursos eram a primeira, segunda e terceira séries do ensino fundamental, divididos em três turmas cada série.

No ano de 1895, foi inaugurado o edifício na antiga rua São Rafael, atual Av. Alberto Bins, onde se situa atualmente o Hotel Plaza São Rafael. Era conhecido como “Velho Casarão” e foi construído com vistas à implantação da Escola das Meninas, aberta oficialmente em 1904, onde se desenvolveram os outros anos de ensino fundamental e médio das duas Escolas. Nessa época, a Escola também se destacou pelo empenho de preparar alunos que prestariam vestibular para ingressar nas Universidades do país. Em seus primeiros currículos, constavam: Ensino Prático, Alemão, Português, Francês, Inglês, Alemão-Português, Química, Contabilidade, Geometria, Escola Bíblica, Caligrafia, Desenho, Canto e Ensino Religioso, esse ministrado por um professor e um pastor evangélico, pois a escola não possuía confissão definida (TELLES, 1974).

Depois de ter possuído duas sedes diferentes, em 1928, a Associação adquiriu uma Chácara que, devido ao fato de existirem no local três figueiras, passou a se chamar Chácara das Três Figueiras (nome também do entorno que se formaria depois). Foi também no ano de 1928 que, numa decisão pioneira na época, se decidiu juntar as turmas masculinas e femininas da Escola devido às enormes despesas para se manter as duas escolas.

Ao longo do tempo, novos empreendimentos foram realizados. Em 1950, foi fundada a Escola Técnica de Comércio, que contava com o curso de Contabilidade, Taquigrafia (estenografia) e Mecanografia. Mais tarde, foram feitas novas aquisições de terrenos e casas para sediar o berçário, o estacionamento dos professores e funcionários e, também, a horta, o que totaliza uma área de 6 (seis) hectares. Atualmente, a Escola possui espaços adequados para todos os serviços e atividades. O conjunto arquitetônico de 20.000 metros quadrados está organizado em espaços que englobam grandes prédios com salas de aula, área administrativa, laboratórios, centro de línguas, saguão das artes, memorial, auditório, anfiteatro, biblioteca, lancheria, sala de artes, sala de dança, sala de ginástica, sala de música, centro cultural, berçário, jardim de infância, além de um amplo complexo esportivo - campo de futebol com pista atlética, estacionamento e horta ecológica (COLÉGIO . . . , 2007)².

Tantos recursos materiais têm por objetivo viabilizar projetos de ensino e educação cada vez mais condizentes com os desafios dos novos tempos. Associado a tudo isso, existe a participação prazerosa e eficaz dos alunos no processo de aprendizagem e o engajamento

² Documento eletrônico

efetivo dos professores nas formas interativas de liderar o acesso ao saber e o desenvolvimento do futuro cidadão.

Em 2006, a Escola passou a organizar-se como Centro de Ensino Médio Farroupilha, com a implantação de mais duas unidades: Unidade de Ensino Farroupilha Ten Cel. Correia Lima e a Unidade de Ensino Farroupilha Terra Ville. A primeira, localizada na rua Correia Lima, foi possível a partir do convênio entre a ABE de 1858 e o Centro de Preparação de Oficiais de Reserva (CPOR) e atende às séries de ensino fundamental; a segunda, junto ao condomínio Terra Ville, em Belém Novo, atende desde a educação infantil até as séries iniciais de ensino fundamental.

A escola tem como visão: "Ser o melhor centro de educação do Rio Grande do Sul, reconhecido como referência no emprego de novas tecnologias e métodos pedagógicos." Sua missão é: "Proporcionar a construção do conhecimento através de metodologia dialógica, fundamentada na análise da realidade, numa perspectiva de valores que desafiem o aluno a ser reflexivo, crítico e socialmente participativo nos processos de transformação pessoal e coletiva." ³, corroborando os fundamentos citados anteriormente sobre desenvolvimento educacional dos alunos.

2.2 Histórico da Biblioteca

A atual Biblioteca Manoelito de Ornellas foi inaugurada há 40 anos, em 12 de outubro de 1968, com um acervo inicial de 5000 livros, 1000 gravuras e recortes e 500 folhetos. Anteriormente, não havia registros de Biblioteca na escola, apenas um depósito de livros doados, pois os materiais de ensino eram comprados pelos professores ou pelos próprios alunos.

De acordo com Telles em sua obra de 1974, no ano de 1891, um professor de Física organizou uma biblioteca juvenil muito boa, porém, o material permanecia em sala de aula. O autor também cita: "A direção do colégio expediu uma circular aos pais de alunos, ex-alunos, no sentido de participarem na ação 'nova biblioteca'." O projeto foi desenvolvido pela ex-aluna e arquiteta Ana Luiza Petrik, sendo considerado moderno para a época, pois obedecia às mais modernas técnicas biblioteconômicas.

³ Documento eletrônico.

No ano seguinte à inauguração, aconteceu uma eleição junto aos professores, alunos e funcionários para escolha do patrono. Dos seis nomes sugeridos, estava o de Manoelito de Ornellas. Com o resultado da apuração, em outubro de 1969, um ano após sua inauguração, a Biblioteca passou a se chamar “Manoelito de Ornellas”, com o patrono obtendo 215 votos.

Manoelito de Ornellas nasceu em Itaqui, Rio Grande do Sul, no dia 17 de fevereiro de 1903. Foi professor nas Universidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além de jornalista e diretor da I imprensa oficial. Profundo conhecedor da história da formação do estado do Rio Grande do Sul, morreu em Porto Alegre, em 8 de julho de 1969, mesmo ano em que foi escolhido patrono da Biblioteca.

No ano de 1992, iniciou-se o processo de informatização da Biblioteca, com o sistema Microisis, a fim de tornar mais ágil o processamento técnico dos documentos e facilitar o atendimento ao usuário. A partir de 1993, todos os materiais foram catalogados, classificados e indexados com o uso de computadores. O sistema Microisis foi atualizado posteriormente pela base de dados Winisis e, logo após, foi implantado o sistema Zeus que possibilita também a informatização dos processos de empréstimo e devolução dos livros através de códigos de barras. A média diária de empréstimo é de 100 documentos.

Atualmente, a Biblioteca Manoelito de Ornellas possui um acervo de aproximadamente 50 000 volumes, constituído por obras de referência, livros didáticos, literatura em geral, literatura infantil e juvenil, vídeos, CD's e DVD's. Além disso, disponibiliza cerca de 20 títulos de periódicos sobre os mais diversos assuntos.

O número de usuários é de 1432 pessoas, sendo 1.300 alunos, 39 professores e 93 usuários da comunidade (nesse contexto, inserem-se os funcionários). A Biblioteca possui duas bibliotecárias e três funcionárias, e o horário de atendimento é de segunda à sexta-feira, das 7h30min às 18h10min.

Dentre os serviços disponíveis, há a doação e permuta de publicações sem interesse para a Biblioteca e das publicações da Escola, compilação de bibliografias, orientação sobre o uso do catálogo informatizado junto aos usuários, elaboração de fichas catalográficas para publicações e disponibilização de documentos para as bibliotecas ramais (jardim de infância, berçário, laboratórios de química, informática e português). Já os recursos informáticos existentes na biblioteca são quatro computadores de acesso à pesquisa *online* e dois computadores de acesso à Base de Dados local para os usuários. Além disso, integrada à Biblioteca Manoelito de Ornellas está a Bibliotequinha, setor destinado à guarda de obras infantis voltadas aos alunos da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, incluindo também a

Educação Infantil. No espaço da Bibliotequinha são realizadas sessões da Hora do Conto, em horários pré-estabelecidos, ministradas pelas bibliotecárias e funcionárias da Biblioteca.

Diante de todas as características apresentadas, verifica-se que a Biblioteca Manoelito de Ornellas, sempre parte atuante na escola, serve de instrumento de apoio ao processo de educação, estimulando o prazer e o gosto pela leitura, a formação do juízo crítico de seus usuários, além de possibilitar a socialização entre os mesmos.

3 OBJETIVOS

Relacionam-se aqui os objetivos que são atribuídos a este estudo, subdivididos em: Objetivos Gerais e Específicos.

3.1 Objetivo Geral

Favorecer o desenvolvimento de competências informacionais nos alunos da quinta série, usuários da Biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha através de ações de educação de usuários.

3.2 Objetivos Específicos

- a) diagnosticar o nível de satisfação no uso da biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha por estes usuários;
- b) identificar as dificuldades informacionais eventualmente existentes;
- c) propor a criação de um Programa de educação de usuários com vistas à superação das deficiências identificadas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Com a finalidade de se fazer um estudo acerca da aquisição de competências informacionais através de Programas de Educação de Usuários em bibliotecas escolares, objetivou-se, nesta seção, conhecer o conteúdo de alguns dos documentos mais representativos dos temas abordados. Dentre os mesmos, figuram a educação e o ensino fundamental; o desenvolvimento cognitivo da criança segundo Piaget; a biblioteca escolar; a educação de usuários como auxiliar na aquisição de competências informacionais; e, por fim, o programa de educação de usuários.

4.1 A Educação e o Ensino Fundamental

A Educação, vista como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual, física e social do ser humano, tem transformado seus modelos e paradigmas para adequar-se a uma posição mais atual diante da prática pedagógica e de toda a comunidade escolar. Tais mudanças podem ser observadas nacional e internacionalmente.

No ano de 1996, Jacques Delors, político europeu de origem francesa, escreveu e organizou um relatório para a UNESCO na Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI intitulado: *Educação, um Tesouro a Descobrir*, no qual enuncia os quatro pilares de uma educação de qualidade para o século XXI (DELORS, 2006). A prática pedagógica, segundo o documento, deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão, para cada indivíduo, pilares de conhecimento:

- a) aprender a conhecer;
- b) aprender a viver juntos;
- c) aprender a fazer;
- d) aprender a ser.

Esses pilares de conhecimento estão no escopo de um cenário educacional que aponta uma nova concepção de educação para o futuro. O primeiro pilar menciona que é necessário o domínio de algumas habilidades cognitivas necessárias para conviver em ambientes de informação, selecionando o que é relevante e, assim, continuar aprendendo. O segundo pilar refere-se à vida em sociedade, no desenvolvimento da compreensão mútua e de uma cultura de paz. O terceiro indica uma aprendizagem especialmente no que tange à qualificação

profissional e à educação para o trabalho a partir do desenvolvimento do espírito cooperativo, para que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e trabalho em equipe. E o quarto pilar menciona a capacidade do indivíduo na elaboração dos pensamentos próprios, a autonomia, o sentido ético e a crítica (DELORS, 2006).

Os pilares de aprendizagem também são quatro enquanto que os saberes e competências a adquirir são apresentados, aparentemente, divididos. Todavia, não podem dissociar-se, pois constituem uma interação com o fim único da formação do indivíduo, tendo em vista que todos esses processos englobam desde a infância até o final da vida. Dessa forma, leva as pessoas à construção constante de seus saberes.

A educação no Brasil também tem sofrido algumas alterações. Dentre as ocorridas no sistema educacional brasileiro na década de 1990, encontra-se a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como LDB, e determinou as estruturas que envolvem os alunos desde a pré-escola até o ensino superior (BRASIL, 1996).

Essas estruturas estão baseadas nos seguintes princípios:

- Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III- pluralismo de idéias e concepções pedagógicas;
 - IV- respeito à liberdade e apreço a tolerância;
 - V- coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - VI- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 - VII- valorização do profissional da educação escolar;
 - VIII- gestão democrática do ensino público;
 - IX- garantia de padrão de qualidade;
 - X- valorização da experiência extra-escolar;
 - XI- vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais
- (BRASIL, 1996).

Percebe-se que esses princípios estão além da educação propriamente dita ou mesmo da mera aquisição do conhecimento intelectual, uma vez que abrangem toda a formação humana e social do indivíduo a partir da educação escolar. Compreende-se que princípios desse porte envolvem conhecimentos, comportamentos, conceitos, valores e atitudes, fazendo com que a educação ambicione mudanças para alcançar novos objetivos.

No ano de 2006, mudanças ocorreram na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na qual o Art. 32. de 1996, que sancionava o ensino fundamental com duração mínima de oito anos obrigatório e gratuito na escola pública, passasse a ter a seguinte

redação: “Art. 32. O ensino fundamental, com duração mínima de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão [...]” (BRASIL, 2006)⁴

De acordo com a Lei nº 11.274/2006, o Ensino Fundamental, com seu arranjo curricular e suas características peculiares, agora se divide em duas etapas, ou seja, séries iniciais, constituídos pela pré-escola, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série, e as séries finais, de 5ª a 8ª série. Este disposto legal ainda não está totalmente consolidado. De acordo com o artigo 5º da Lei citada, os municípios, Estados e o Distrito Federal terão prazo até 2010 para implementar o ensino fundamental com nove anos devendo, assim, as escolas que ainda não estão cumprindo esse arranjo curricular e possuem o ensino fundamental seriado da 1ª a 8ª série dividido em 8 anos, tomar medidas imediatas para garantir o cumprimento da disposição legal.

O ensino fundamental é obrigatório para todas as crianças na faixa etária entre 6 (seis) e 14 (quatorze) anos, o ano letivo composto de 800 horas-aula, distribuídas em 200 dias letivos (BRASIL, 2006). Seus objetivos, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2006), no Art. 32, designam:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Esses objetivos demonstram que a educação escolar de ensino fundamental necessita desenvolver em seus alunos capacidades de aprendizagem não somente escolares, mas, sobretudo, sociais, nas quais possa reconhecer seus valores e atitudes e trazer para a escola questões sociais respondidas com propriedade. Isso permite que conhecimentos e habilidades sejam adquiridos, a fim de construir e reconstruir o conhecimento e assim, torná-lo permanente.

Em âmbito estadual, a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2007)⁵ estabelece que o sistema de ensino abrange da educação pré-escolar ao ensino fundamental e médio, da rede pública e privada, e as formulações de políticas educacionais e administrativas são de responsabilidade dos órgãos do Poder Executivo.

Além disso, a Constituição estadual busca a consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como no Art. 208 :

⁴ Documento eletrônico.

⁵ Documento eletrônico.

- I- erradicação do analfabetismo;
- II- universalização do atendimento escolar;
- III- melhoria da qualidade de ensino;
- IV- formação para o trabalho;
- V- promoção humanística, científica e tecnológica. (RIO GRANDE DO SUL, 2007)

A Constituição Estadual estabelece, também, o Plano de Carreira do magistério estadual; políticas especiais para professores de ensino fundamental no que tange sua formação e aperfeiçoamento e a obrigatoriedade de implantação de estabelecimento escolar de ensino fundamental em zona urbana e rural. Prevê igualmente atividades de geração de rendas para as escolas.

A Lei nº 5.751 do Sistema Estadual de Educação de 14 de maio de 1969 (RIO GRANDE DO SUL, 1969), fixou normas administrativas para o ensino pré-escolar, fundamental e médio, conforme o Art. 7º, que estabelece quais os estabelecimentos de ensino integram o Sistema Estadual de Ensino:

- a) os estabelecimentos de ensino mantidos pela administração estadual centralizada;
- b) os estabelecimentos estaduais de ensino mantidos por autarquias ou organizados sob forma de autarquia;
- c) os estabelecimentos municipais de ensino, quer integrantes da administração municipal centralizada, quer mantidos por autarquias municipais, quer organizados sob forma de autarquia;
- d) estabelecimentos de ensino mantido por fundações ou associações.

É de competência do Estado organizar, administrar e inspecionar os estabelecimentos de ensino citados, além de autorizar, reconhecer e inspecionar o funcionamento de instituições privadas, de ensino fundamental e médio. Portanto, cabe ao Estado zelar pelo direito à educação a todos cidadãos que fazem parte dele, com a promulgação de Leis e implantação de estabelecimentos de ensino que as cumpram, assegurando iguais oportunidades a todos no intuito de proporcionar uma educação básica para o preparo do indivíduo.

A importância dessas iniciativas se dá pelo fato de que é na educação de ensino fundamental que se desenvolve a gênese do indivíduo como cidadão. A partir dos seus primeiros contatos com a leitura, escrita e a capacidade de cálculo, das definições de seus valores, direitos e deveres na sociedade e o desenvolvimento de sua vida social é que se inicia esse desenvolvimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, conhecidos como PCNs, e uma série de outros documentos oficiais brasileiros referentes à educação têm colocado – em consonância com uma tendência mundial – a necessidade de se centrar o ensino e a aprendizagem no desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, em vez de centrá-lo no conteúdo básico, fazendo com que as práticas já consolidadas de aprendizado mecânico, com o docente como centralizador e o aluno como ouvinte, não sejam mais vistas como objetivos da educação. Isso implica uma mudança não pequena por parte da escola que, sem dúvida, tem que ser preparada para essa nova situação (BRASIL, 1997).

Um momento concreto no qual a escola se sente responsável por ensinar explicitamente competências e habilidades é quando a criança aprende a ler e a escrever. Dentro dessa ótica, eis outro aspecto interessante: a questão do indivíduo ler e compreender, uma vez que saiba ler. Se isso significa que o indivíduo pode ler todo e qualquer texto, então a habilidade não está vinculada a um assunto concreto. Assim, é possível ler em voz alta certo texto que verse sobre História da Índia, mesmo que a compreensão do que se está lendo seja muito limitada. Porém, um historiador ou alguém que conheça o assunto, ao ouvir, compreenderá melhor (KUHLTHAU, 2002). Percebe-se, dessa forma que ler e compreender são habilidades diferentes e, como tais, devem ser desenvolvidas separadamente. Os conhecimentos devem, portanto ser expandidos da mesma forma, para que o indivíduo entenda o que está lendo. Caso contrário, sua leitura não lhe trará conhecimentos.

Estudos do psicólogo suíço Jean Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, apresentaram quatro estágios mentais, a saber: 1º estágio: sensório motor (0 a 2 anos); 2º estágio: pré-operacional (2 a 7 anos); 3º estágio: operacional-concreto (7 a 11 anos); 4º estágio : operações formais (11anos em diante). No presente capítulo, foi feita menção aos estágios que incluem os alunos de 1º a 4º séries e alunos de 5º á 8º série do ensino fundamental uma vez que esses são objetos deste estudo.

No terceiro estágio – 1ª a 4ª série – encontra-se a fase de alfabetização na qual há a importância do estudo por comparação, visto que os alunos ainda estão num estágio operatório-concreto, desenvolvendo os conceitos de números, relações e assim por diante. Esse é o período em que é absolutamente necessária uma constante busca das experiências vividas pelos alunos em cada conteúdo analisado (PETERSON; FELTON-COLLINS, 2002). Nessa fase, a criança está se tornando capaz de resolver problemas inteiros mentalmente e desenvolvendo uma maior habilidade de entender regras. Além disso, essa é a fase de sedimentação do ato de ler e escrever.

Já na etapa seguinte – 5ª a 8ª séries –, para que se efetive um trabalho no qual professores e alunos tenham autonomia, possam pensar e refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e tenham acesso a novas informações, deve-se observar questões fundamentais e específicas dessa fase em que os alunos passam gradativamente do estágio operatório-concreto para o pensamento formal. A criança, nesse estágio, apresenta novo entendimento sobre os aprendizados lógico-matemáticos e espaço-temporais, podendo, além disso, formular hipóteses e teorias sobre tudo o que está sendo repassado em sala de aula (PIAGET, 1994). Com isso, cabe aos professores propiciar questões e atividades em que os agentes do processo ensino-aprendizagem possam dialogar, duvidar, discutir, questionar, compartilhar informações, e criar espaço para transformações, para as diferenças, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade.

Ao direcionar o foco do processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades e competências, deve-se ressaltar que essas necessitam ser vistas como objetivos de ensino. Ou seja, é preciso que a escola inclua entre as suas responsabilidades a de ensinar a comparar, classificar, analisar, discutir, descrever, opinar, julgar, relacionar, independentemente do que se esteja comparando, classificando, ou assim por diante. Caso contrário, o foco tenderá a permanecer no conteúdo e as competências e habilidades serão vistas de modo minimalista (NEVES, 2000).

Mudar o foco para o desenvolvimento de competências e habilidades implica, além da mudança de postura da escola, um trabalho pedagógico integrado em que se definem as responsabilidades de cada educador nessa tarefa. Um grande obstáculo, aqui, é que mesmo os educadores, e nesse caso devem ser incluídos os bibliotecários, podem ter dúvidas sobre em que consiste, realmente, uma determinada habilidade e, mais ainda, sobre como auxiliar em seu desenvolvimento. Com isso, é importante que todos levem em conta que, qualquer que seja o conteúdo, esse nunca será um fim em si mesmo, mas apenas um motivo para se aprender a pensar e questionar o próprio conhecimento, na compreensão de que aprender não é reproduzir fatos, mas sim aprender a olhar para o mundo buscando informações, interpretando-as, e, principalmente, transformando-as para a construção de novos conhecimentos.

4. 2 O Desenvolvimento Cognitivo da Criança Segundo Piaget

Pode-se conceituar o desenvolvimento cognitivo da criança, conforme Piaget (1994), como um processo de equilíbrio ou experiências progressivas que se alarga para uma forma final na conquista das operações formais. O equilíbrio refere-se à forma pela qual o indivíduo lida com a realidade, na tentativa de entendê-la, e como organiza seus conhecimentos em sistemas integrados de ações ou crenças, com a finalidade de adaptação.

A *Epistemologia Genética* de Jean Piaget, publicada na década de 50, pode ser o ponto de partida para a compreensão do processo educativo enquanto construção humana. Durante muitos anos, esse psicólogo suíço observou e estudou as reações das crianças, construindo assim uma teoria sobre o desenvolvimento do intelecto humano (PETERSON; FELTON-COLLINS, 2002).

Para Piaget, grande parte do conhecimento construído pelo homem é resultado do seu esforço de compreender e dar significado ao mundo. Nessa tentativa de interação e compreensão do meio, o homem desenvolve alguns mecanismos neurológicos herdados que facilitam o funcionamento intelectual. Entretanto, seu interesse principal, tendo em vista que Piaget foi um psicólogo preocupado em descobrir as mudanças no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, do nascimento à adolescência, não estava na criança em si, mas na epistemologia, ou seja, sua busca girava em torno da descoberta do que é conhecimento e da forma como se pode chegar a ele (PIAGET, 1994).

Dessa forma, iniciou seu estudo sobre o desenvolvimento da criança por estar convencido de que esse era o melhor caminho para responder às questões epistemológicas acerca do conhecimento. Piaget estava preocupado com o desenvolvimento intelectual, basicamente em como o conhecimento era formado ou construído.

O sistema concebido por Piaget para explicar o desenvolvimento intelectual foi grandemente influenciado por sua formação e seu trabalho como biólogo. Observou que os seres vivos adaptam-se constantemente às mudanças das condições ambientais. Assim, a partir dessa constatação, convenceu-se, também, de que a mente e o corpo não funcionam independentemente um do outro e que a atividade mental está submetida às mesmas leis que governam as atividades biológicas. Essa convicção o levou a conceber o desenvolvimento intelectual praticamente do mesmo modo que o desenvolvimento biológico (PETERSON; FELTON-COLLINS, 2002).

A atividade mental, para Piaget, não pode ser separada do funcionamento total do organismo. Assim sendo, ele considerou o funcionamento intelectual como uma forma especial de atividade biológica, formada de estruturas do mesmo modo que o corpo. O autor afirmou que as estruturas cognitivas, os esquemas, são desenvolvidos sem uma seqüência definida, isto é, o curso do desenvolvimento cognitivo, marcado pela formação de estruturas mentais, é o mesmo para todas as crianças, embora a idade em que cada uma atinge as estruturas específicas varie de acordo com a inteligência e o meio ambiente. Isso é explicitado na passagem de seu livro *O Juízo Moral da Criança* (PIAGET, 1994, p. 34), quando diz :

É cômodo, para as necessidades de exposição, distribuir as crianças em grupos de idades ou em estágios, mas a realidade se apresenta sob os aspectos de uma continuidade sem interrupção. Além disso, essa continuidade tem nada de linear, e sua direção só é percebida quando esquematiza as coisas e despreza as oscilações que complicam indefinidamente o pormenor.

Para tanto, quando confrontada com um estímulo, a criança tenta encaixar o mesmo em um esquema facilitado. À medida que a criança se desenvolve, os esquemas tornam-se mais diferenciados, menos sensórios e mais numerosos; a rede que eles formam torna-se mais complexa.

Assumir que a aquisição do conceito é invariante, pelo menos na cultura ocidental, é atribuir sentido educacional ao modelo de invariância de Piaget, por determinar *quando* esperar que as crianças sejam capazes de fazer *o quê*. Dessa forma, as seqüências do currículo deveriam ser programadas de acordo com as mudanças das estruturas cognitivas das crianças (PIAGET, 1994). Elas não podem construir uma educação com sucesso se não tiverem habilidades cognitivas exigidas como pré-requisito nem suporte educacional necessário para a aquisição das competências.

Dessa forma, para Piaget (1994), do ponto de vista conceitual, se processam o crescimento e o desenvolvimento cognitivo em todas as suas fases. Do nascimento até a fase adulta, o conhecimento é construído pelo indivíduo, sendo os esquemas do adulto construídos a partir dos esquemas de criança. Na assimilação, o organismo encaixa os estímulos à estrutura que já existe; na acomodação, o organismo muda a estrutura para encaixar o estímulo.

Assim, a assimilação e acomodação explicam o crescimento e o desenvolvimento das estruturas cognitivas e do conhecimento. Portanto, do mesmo modo que se busca a equilíbrio, mecanismo interno que regula esses processos, os seres humanos vão

adaptando-se biologicamente ao mundo que os cerca e o desenvolvimento intelectual torna-se um processo de adaptação.

Observando as crianças na interação com o meio, Piaget percebeu que as mesmas possuem uma forma particular de pensar e aprender, destacando que erros e acertos são conceitos que estão no núcleo do raciocínio infantil. Foi a partir dessa relação que o autor desenvolveu sua teoria de estágios de desenvolvimento da criança.

De acordo com os estudos de Piaget (PETERSON; FELTON-COLLINS, 2002), são quatro os estágios evolutivos da inteligência que abrangem desde as atividades sensório-motoras até as operações concretas e abstratas, conforme abaixo:

- a) Estágio Sensório-motor (0 a 2 anos): nesse estágio, a inteligência da criança é essencialmente prática e as ações de reflexo são predominantes. A relação com o meio ambiente não se dá pelo raciocínio lógico ou pela representação simbólica, mas pela ação e experimentação direta. Desse modo, a criança aprende através dos sentidos e do movimento;
- b) Estágio Pré-operatório (2 a 7 anos): aqui, prevalece o egocentrismo, pois a criança não consegue colocar-se abstratamente no lugar do outro. Fase anterior à alfabetização, com a leitura como algo parcial e incompleto, visto que a criança prioriza aspectos que são mais relevantes aos seus olhos, com uma inteligência indutiva. Sua percepção abstrata começa a ser aguçada à medida que aumenta sua capacidade de simular, imaginar situações, figuras e pessoas semelhantes. A criança pode usar símbolos, como a linguagem, para representar a realidade;
- c) Estágio Operações Concretas (7 a 11 anos aproximadamente): nesse estágio, período em que a lógica começa a desenvolver-se, a criança já consegue, a seu modo, organizar e sistematizar situações e relacionar aspectos diferentes da realidade. É a fase de alfabetização e sedimentação da leitura e da escrita. Sua compreensão do mundo não é mais tão prática, mas ainda depende do mundo concreto para realizar abstrações. É uma fase de maior socialização, na qual se estabelecem os grupos, os sentimentos morais, sociais e de cooperação, através de troca de opiniões, comunicação e realização de tarefas em comum. Também já conseguem acompanhar regras de jogos;
- d) Estágio Operações Formais e Pensamento Hipotético-dedutivo (11 a 16 anos): etapa na qual predomina a lógica formal; com o domínio do ato de ler e escrever. O adolescente já pode realizar abstrações sem necessitar de

representações concretas e pode, também, imaginar situações nunca vistas ou vivenciadas por ele, formando sua personalidade, com inserção afetiva e intelectual na vida adulta. O jovem pode generalizar, deduzir e formular hipóteses. Assim, torna-se capaz de desempenhar ações mentais sobre símbolos, signos, bem como sobre entidades físicas. Escreve equações, pronuncia proposições e faz manipulações lógicas sobre seqüências de significantes combinando-os, contrastando-os e os negando.

Os estágios acima citados podem ser considerados como a base epistemológica a partir da qual Piaget estabeleceu sua teoria do desenvolvimento da cognição e aprendizagem. Teoria essa que culminou em práticas alternativas de educação nas quais o aluno é um sujeito produtor de conhecimento, enquanto que o educador é um facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Durante cada estágio do desenvolvimento cognitivo descrito por Piaget, a criança vive experiências significativas que lhe possibilitam, através da ação, a criação de novos planos de ação para o desenvolvimento de sua educação através dos anos. Assim, ressalta-se a importância da investigação dos processos cognitivos da criança, o levantamento de suas hipóteses em relação ao conhecimento do mundo que a cerca e, principalmente, a influência cultural que o mesmo exerce sobre ela para a construção e ampliação de seus conhecimentos.

4.3 A Biblioteca Escolar

A biblioteca escolar é o espaço coletivo para promover experiências criativas de uso de informação, aproximando o aluno a uma realidade de vivência futura como profissional e como cidadão na qual possam ser promovidas oportunidades de aprendizagem permanente. Segundo o Manifesto indicado pela IFLA, a Associação Internacional de Bibliotecas, juntamente com a UNESCO, sobre Bibliotecas Escolares, diz-se:

A Biblioteca Escolar proporciona informação e idéias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (INTERNATIONAL . . . , 2000)⁶.

⁶ Documento eletrônico.

A IFLA preconiza que, já na biblioteca escolar, as competências para uma vida futura de seus usuários podem ser projetadas com base na informação e no conhecimento por ela ofertada.

O Ministério da Educação brasileiro publicou a Portaria nº 520 de 11 de setembro de 2002 que define biblioteca escolar como sendo aquelas: “[...] situadas em escolas de ensino fundamental e médio. Têm como função apoiar o desenvolvimento curricular, a promoção da leitura e a informação para alunos, professores e comunidade à qual a escola pertence.” (BRASIL, 2002).

Essa definição engloba a função primordial da biblioteca escolar como alicerce da ação pedagógica desenvolvida na instituição na qual seu trabalho se realiza, do desenvolvimento do hábito da leitura em seus usuários e a transmissão da informação para toda a comunidade a que serve.

A primeira definição, de âmbito internacional, e a segunda, contextualizada no âmbito nacional, demonstram, sobretudo, que a principal função de uma biblioteca escolar é proporcionar a informação, para que haja desenvolvimento dentro da escola, com ênfase no currículo e na promoção da leitura, e cruzando suas portas, para o futuro de seus usuários como cidadãos com o aproveitamento da informação que lhes for proporcionada.

Do ponto de vista afetivo, Bonotto (2007) considera a biblioteca escolar como o coração da escola, um núcleo pulsante do qual emana sangue para todas as ações que a escola promove. Essa é uma boa colocação, considerando-se que é o local onde se inicia a aprendizagem para o longo da vida dos usuários.

Retomando as disposições do Manifesto da IFLA sobre Bibliotecas Escolares, publicado em português no ano de 2000, é importante destacar alguns pontos relevantes sobre a missão das bibliotecas escolares, a fim de comparar a situação com os parâmetros brasileiros.

Quanto à missão das bibliotecas escolares, o Manifesto preconiza que é importante o oferecimento de serviços de aprendizagem, livros e outros recursos a toda comunidade escolar, não havendo restrição de raça, cor, sexo, nacionalidade, religião, língua ou situação social, para que os indivíduos desenvolvam o pensamento crítico e empreguem a informação de maneira eficaz (INTERNATIONAL . . . , 2000)⁷.

⁷ Documento eletrônico.

Observa-se então a pertinência na afirmação de Sales (2004) quando destaca a função da biblioteca escolar na imparcialidade quanto à disponibilização e disseminação de documentos, recursos e serviços, uma vez que, os usuários antes de tudo são cidadãos e como tais, possuem direitos iguais. No Brasil, a precariedade das bibliotecas escolares, especialmente em escolas públicas, no que tange seu acervo e seus recursos, a este respeito, Macedo (2005, p.168) aponta:

A propósito, deve-se lembrar que, nos inúmeros recantos mais carentes do grande e desigual Brasil, onde muitas vezes se encontra um “arremedo de biblioteca”, sem um serviço de referência e informação bem programado, obviamente não poderá haver consciência de missão nem mesmo de reais intenções.

Soluções cabíveis devem ser encontradas para sanar estas dificuldades, com os bibliotecários ou quem está no desenvolvimento do trabalho bibliotecário, em colaboração com os docentes da instituição, na finalidade de se cumprir, se não o todo, pelo menos uma parte da missão da biblioteca escolar.

No que tange as funções da biblioteca escolar, o Manifesto da IFLA (2000) sugere ações como: apoio aos programas de ensino; incentivo ao gosto pela leitura; incentivo para a freqüente utilização da biblioteca e de seus serviços; estímulo para a possibilidade de criação de conhecimento pelos usuários; utilização da informação em variados suportes e variadas informações, permitindo a comparação entre as informações e a sua relevância; apoio às atividades que possibilitem ações culturais e sociais.

Assim, revelam que as bibliotecas escolares desempenham funções fundamentais de atuar como agente educacional, cultural e social, formando usuários para o uso das ferramentas e dos sistemas de informação, para atividades de desenvolvimento cultural e para a vida em sociedade. Propõem-se também a educar seus usuários para a autonomia nas buscas de informação em diferentes ambientes de informação, tornando-os assim capacitados para a busca da informação pertinente.

Autores como Sales (2004) e Macedo (2005), preconizam que a biblioteca escolar possui funções básicas como:

- a) proporcionar o acesso à informação através de idéias que sirvam de portas de acesso ao conhecimento, ao pensamento e à cultura;
- b) contribuir para a tomada de decisões independentes; o apoio à formação contínua dos usuários;
- c) preservar, adquirir e disponibilizar um acervo de documentos que possibilitem a reflexão da pluralidade da sociedade;

- d) assegurar que a aquisição e seleção dos documentos, bem como os serviços sejam administrados dentro de critérios imparciais;
- e) disponibilizar os seus documentos e serviços a todos os usuários, de forma equitativa.

Estas funções têm como princípio informar educando, ou seja, utilizar a informação como meio de educação, com benefícios na capacitação do estudante para o adequado uso e a apropriação da informação e de modo a torná-lo um sujeito que venha influir em seu meio social de forma construtiva.

Quanto aos objetivos, o Manifesto IFLA (2000) aponta nove como essenciais à biblioteca escolar, que são:

- a) apoiar e promover os objetivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- b) criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- c) proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e do lazer;
- d) apoiar os alunos na aprendizagem prática de competências de avaliação e utilização de informação, independente da natureza e do suporte, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- e) prover acesso em nível local, regional e nacional, aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;
- f) organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como a sensibilidade;
- g) trabalhar com alunos, professores, pais, órgãos de gestão para cumprir os a missão da escola;
- h) proclamar o conceito de que liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício de democracia,
- i) promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar na comunidade escolar e fora dela.

Os objetivos aconselhados pela IFLA enfocam o desenvolvimento do prazer da leitura, da aprendizagem, o domínio das habilidades de acesso, da avaliação da informação, do seu e da biblioteca ao longo da vida. No que diz respeito ao ensino didático-pedagógico, preconiza que os professores devem utilizar os mais variados recursos fora da sala de aula, com o apoio da biblioteca, para a consecução dos objetivos e requisitos curriculares, para a cidadania, e em especial para influir nas técnicas de aquisição de competência informacional de seus alunos.

Porém, estas propostas ainda são utópicas no contexto brasileiro, pois é sabido que as bibliotecas das escolas do nosso país são deficitárias, tendo em vista que nossos bibliotecários não são valorizados ou não dão valor ao desenvolvimento de seu trabalho. Como consequência, a instituição não crê que a biblioteca seja um setor importante e que deve receber valor igual a qualquer outro. Deste modo, Fragoso (2005, p. 169) faz referência às bibliotecas escolares brasileiras como: “[...] depósito de livros e alunos [...]”, em uma crítica aos profissionais sem motivação, sem qualificação, aguardando a hora de se aposentar e sem vontade de desenvolver alguma prática de projetos integrados com a comunidade escolar.

Estes fatos nos guiam para outra realidade: o problema da biblioteca pública muitas vezes substituir a biblioteca escolar, em virtude da biblioteca escolar não cumprir suas funções. A pesquisa escolar muitas vezes é direcionada para a biblioteca pública que se caracteriza como uma biblioteca prestando serviços para o público em geral, independente das condições sociais, culturais e educacionais (SUAIDEN, 2000).

As Bibliotecas Públicas têm a função de atender todo e qualquer público da sua comunidade, disponibilizando recursos e serviços mais amplos do que as demais bibliotecas, porém, quanto à questão de desvio de funções das bibliotecas escolares para as públicas, o mote principal é a questão pedagógica, pois não há proximidade da biblioteca pública com a instituição escola, com os alunos, pais e professores, como possui a biblioteca escolar, conforme afirma Macedo (2005, p. 340):

Se cabe ou não à biblioteca pública o atendimento ao estudante em seu apoio didático, é realmente um tema bastante polêmico e que tem provocado opiniões favoráveis e desfavoráveis. Uma pergunta fica em aberto: se não contamos com as bibliotecas escolares, onde os estudantes devem proceder às suas pesquisas e desenvolver o gosto pela leitura, onde poderão obter eles o acesso às informações em fontes tradicionais que não sejam apenas a Internet? Entretanto, é certo que existe uma enorme disfunção nessa área, ao se transformarem as bibliotecas públicas em prestadoras de serviços voltados à escolarização – além de que esse fato provoca outros equívocos, como a concepção aceita tradicionalmente de que, para o desenvolvimento do gosto pela leitura, basta a existência de alguns recursos materiais.

Esta afirmativa expõe que a biblioteca pública tem sua importância na formação escolar dos indivíduos, porém, não pode ser considerada fonte maior que a biblioteca de uma escola, tendo em vista que a biblioteca escolar possui a mediação pedagógica, diferenciando-se da biblioteca pública, que coloca atendentes sem preparo pedagógico para atendimento dos estudantes no Setor de Referência, e que inúmeras vezes estes auxiliares não estão preparados para as buscas das respostas quanto às necessidades de informação dos usuários.

Desse modo, é difícil escrever sobre bibliotecas escolares e destacá-las como valorizadas, pois são reconhecidas como umas das maiores deficiências de nossos aparelhos escolares. É comum deparar-se em uma escola, com uma sala com estantes de livros e esta ser chamada de Biblioteca, não incluindo, muitas vezes, um profissional bibliotecário para gerenciar este acervo, de modo a oferecer a informação necessária aos usuários da instituição.

Mas como a biblioteca pode se caracterizar como uma extensão da sala de aula ou proporcionar todos estes recursos e serviços se as instituições de ensino não as visualizam como agregadoras de valores pedagógicos para o desenvolvimento de seus alunos e da instituição?

Milanesi (1993) resgata a origem das deficiências das bibliotecas escolares quanto à fragilidade que as mesmas foram expostas na reforma do ensino do ano de 1971, onde um decreto nacional institucionalizou mudanças no sistema educacional. Assim, o autor destaca que a chamada instituição da pesquisa escolar tem sido explorada de forma errônea, conforme citado anteriormente, a pesquisa escolar tem se fundamentado nas bibliotecas públicas, cumprindo a função da biblioteca escolar.

Uma visão otimista acerca deste assunto foi destacada por Silva (1995), nos anos 90, que acreditava que a biblioteca escolar poderia alcançar melhorias, através do trabalho conjunto entre a biblioteca escolar e a comunidade (escolar e como um todo), buscando alternativas de tornar a biblioteca um espaço pedagógico, educativo, comprometido com a função social da escola de maneira a contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus fazeres e deveres, contudo, partindo das estruturas já existentes.

Campello (2007), também é otimista na questão da biblioteca escolar quando menciona:

Sem querer fazer um exercício de futurologia, acredito que a biblioteca escolar está sendo resgatada nas políticas públicas e também incorporada à agenda de pesquisa da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Parece ter chegado a hora e a vez da biblioteca escolar que será paulatinamente requalificada em seu tradicional e

reconhecido papel na educação. Não é de hoje que se diz que a escola é uma biblioteca rodeada de salas de aula. (CAMPELLO, 2007)⁸.

No que diz respeito às instituições privadas de ensino, em muitas dessas bibliotecas existe o profissional bibliotecário para a orientação do uso do sistema aos usuários. Além disso, possuem um espaço físico adequado, onde podem ser encontrados computadores, acervo informatizado e ações de incentivo à leitura. O que se percebe é a falta de uma formação do acervo apropriada, o qual é composto na maioria das vezes por livros didáticos e as compras se reduzem às leituras obrigatórias no ano letivo (FRAGOSO, 2005).

Iniciativas quanto à importância das bibliotecas escolares são evidenciadas em outros países. Exemplo disso foi a explanação no XXII CBBB – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – realizado no mês de julho de 2007, quando Katharina Berg, representante na América Latina da Associação Internacional de Bibliotecas Escolares (IASL), afirmou que a biblioteca escolar é de todos a toda hora. Alguns pontos relevantes apresentados durante a conferência sobre projetos e ações da Associação: teve seu início na Jamaica, em 1971. Atualmente, essa conta com 550 membros de 72 países, trabalhando em parceria com outras organizações, instituições e universidades. O IASL promove Programas eficazes de mídia como instrumentos viáveis de promoção da biblioteca escolar; orientação e aconselhamento para o desenvolvimento de programas para a biblioteca escolar e para as escolas de Biblioteconomia, bem como a realização de fóruns e conferências sobre bibliotecas escolares (BERG, 2007)⁹.

No Brasil, ações isoladas também são desenvolvidas, principalmente nas universidades do País. Tomamos como exemplo o Grupo de Estudos de Bibliotecas Escolares (GEBE), desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais, com a coordenação de Bernadete Campello. Criado em 1998 na Escola de Ciência da Informação da UFMG, o grupo tem estudado preferencialmente sobre as temáticas ligadas à função educativa da biblioteca escolar, apontando-a como um espaço de ação pedagógica.

Bernadete Campello, na sua explanação sobre os estudos do Grupo no XXII Congresso de Biblioteconomia e Documentação 2007, apontou os três eixos de estudos do Grupo: o primeiro é a produção do conhecimento sobre biblioteca escolar; o segundo, sobre a formação de profissionais para a biblioteca escolar; e o terceiro, a ação política para o desenvolvimento e consolidação da biblioteca escolar. A produção se dá na pesquisa

⁸ Documento eletrônico.

⁹ Documento eletrônico.

acadêmica e prática profissional. O GEBE promove ações que denotam que a biblioteca escolar faz diferença no ensino-aprendizagem, além de subsidiar ações políticas para que tomadores de decisões invistam nas mesmas. O Grupo também se destaca por alimentar uma base de dados sobre assuntos relacionados à Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar, o LIBES (CONGRESSO . . . , 2007)¹⁰.

Campello (2007) salienta que a fase de escolarização é um processo de aprendizagem significativa de produção de conhecimento que envolve a aquisição de habilidades informacionais, exigindo o uso constante, regular e adequadamente intercedido de uma variedade de fontes de informação. Essa é freqüentemente encontrada na biblioteca da escola, que está próxima ao aluno e que pode ser acessada no momento certo, atendendo necessidades específicas e peculiares de cada situação de aprendizagem. Esse comentário está de acordo com o propósito deste trabalho no que diz respeito à aquisição de habilidades e competências informacionais em bibliotecas escolares e a importância da informação correta, no lugar adequado, para o usuário certo.

Dentro da conjuntura das bibliotecas escolares, uma das questões principais refere-se ao desenvolvimento da pesquisa escolar. Muitas vezes, ela se desenvolve a partir da cópia literal de um material, que pode ser um verbete de uma enciclopédia até um capítulo de livro. Neves, em sua tese defendida no ano de 2000, investigou tal questão traçando um abrangente perfil dessa estratégia de ensino-aprendizagem, avaliada a partir dos alunos da 4^o série do ensino fundamental, identificando o desempenho de alunos, professores, bibliotecários e pessoal da biblioteca, ou seja, os formadores desse processo. A autora considera que o professor e o bibliotecário desconhecem estratégias biblioteconômicas e pedagógicas adequadas para o acesso à informação, dificultando o desempenho dos alunos e a realização da pesquisa escolar. Sobre o aluno, a autora constata que ele possui pouca participação nessa fase e que “[...] suas opiniões, críticas e decisões acerca do quê e como pesquisar parecem estar pouco valorizadas pelo professor.” (NEVES, 2000, p. 100).

Abreu corrobora a tese de Neves em seu artigo de 2001 através de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais com bibliotecários e professores na qual foi constatado que a pesquisa escolar ainda é um tema contraditório, pois há um conflito entre todos. De um lado, os professores reclamam que os alunos executam cópias dos trabalhos solicitados enquanto que os bibliotecários reclamam que não estão preparados para atender os alunos que buscam a informação, já que os professores dão a uma classe inteira o mesmo

¹⁰ Documento Eletrônico.

tema como pesquisa e não os orientam corretamente sobre os objetivos do trabalho. A autora expõe também que: “Os pais também são vítimas desse processo, pois muitos fazem o trabalho escolar no lugar dos filhos.” (ABREU, 2001, p. 26).

Essas, claramente, são realidades encontradas nas bibliotecas escolares brasileiras. Por isso, é preciso construir uma melhoria na interação sala de aula e biblioteca através de uma mútua colaboração entre professores e bibliotecários, com vistas ao desenvolvimento informacional dos alunos, pois a limitada participação desse sujeito reflete-se na compreensão inadequada que ele demonstra com relação ao significado da tarefa solicitada.

Outro mote da biblioteca escolar é a leitura que se posiciona como motivadora nesse processo, sugerindo, orientando e disseminando para os leitores documentos, na preocupação do desenvolvimento do hábito de ler. O interesse pela leitura dar-se-á na infância e deve ser despertado no educando pela escola com a interação professor-bibliotecário, uma vez que esses deverão indicar e incentivar o gosto pela leitura em toda a comunidade escolar.

Resgatando uma passagem de Silva (1986, p. 11) em sua obra publicada em meados dos anos 80, “[...] estou plenamente convencido de que a leitura é um importante instrumento para libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade [...]”, o que demonstra que uma nova ordem social poderia se estabelecer naquele momento a partir da instituição do hábito de leitura. Trata-se de uma afirmação crítica à função social da leitura, em uma sociedade onde as classes sociais possuem interesses antagônicos e a leitura se apresenta como uma questão de privilégio e não de direito a todos.

Endossando a afirmação anterior, Fragoso acredita também que a leitura pode modificar a sociedade, tornando os leitores cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres como tal:

Acredito que a leitura é fundamental para a construção de um novo mundo no qual venham surgir mentalidades novas para a superação das tristes condições do terceiro mundo, pelo extermínio dos fatores de desintegração do povo, como a fome, a miséria e o analfabetismo. (FRAGOSO, 2005, p. 169).

A leitura possibilita a tomada de atitude crítica, científica e intelectual, preparando o indivíduo para as disparidades da sociedade, interferindo diretamente nas experiências de vida das pessoas, bem como na sensibilidade e personalidade de cada indivíduo. Tudo isso porque a leitura de um mesmo texto pode provocar reações diversas, em virtude das experiências de cada um, situação social ou percepção do que se está lendo.

Para que mudanças na sociedade e nos leitores aconteçam, compete à biblioteca proporcionar serviços e atividades que desenvolvam o hábito de leitura em seus usuários. Autores como Neves (2000), Kuhlthau (2002), Carvalho (2001) e Macedo (2005) apontam a contação de histórias, ou Hora do Conto, como um ativo para levar as crianças desde cedo a tornarem-se cidadãos leitores a partir da escola. Conforme Kuhlthau (2002, p. 50): “Antes que possam ler sozinhas, as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis [...]”, demonstrando que através da leitura de histórias para os educandos tem-se a possibilidade de iniciá-los na literatura, o que enriquece e amplia suas experiências, além de estimular na busca de livros para a leitura fora da escola.

Mas não é somente na Hora do Conto ou em ações de leitura semelhantes que uma biblioteca precisa se apoiar. Carvalho (2001, p. 33) também acredita que, além de um espaço de criação e de troca de experiências, a biblioteca deve ser um espaço de produção cultural para crianças e jovens e não somente de consumidoras de leitura. Para isso, cita três elementos na biblioteca que concorreriam para a formação de desse hábito nos leitores: “[...] uma coleção de livros e outros materiais, bem selecionada e atualizada; um ambiente físico concebido como espaço de comunicação e não apenas de informação, [...] e por último, e não menos importante, a figura do mediador.” Portanto, a biblioteca precisa de um bibliotecário com competências que sirva como mediador no incentivo à leitura, seja contando histórias ou adquirindo e disponibilizando materiais que despertem o hábito de leitura dos usuários em um ambiente favorável para o desenvolvimento dessas ações.

A biblioteca escolar como um espaço de lazer, também proporciona a formação do hábito de leitura em seus usuários. O lazer constitui um tempo livre para o indivíduo em seus afazeres, seja esse tempo livre do estudo ou do trabalho.

De acordo com Borba (2000, p. 9)¹¹, o lazer em bibliotecas poder ser visto da seguinte forma: “Como o lazer relaciona-se em algum momento ao prazer, a leitura como prática de lazer deverá provocar no indivíduo, que a executa, sensações diferentes, em indivíduos diferentes, em função de sua condição social ou de seu poder de percepção.” Esse trecho demonstra, sobretudo, que a leitura praticada como um lazer deve quebrar a rotina de leituras obrigatórias imposta na sala de aula, em local adequado, propondo o preenchimento do tempo ocioso. É relevante que a biblioteca torne-se um espaço identificado pelos usuários como espaço de ajuda e que possam desfrutar do prazer de ler.

¹¹ Documento eletrônico.

Com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação, conhecidas como TIC's, e a internet como propulsora de novas formas de acesso, as bibliotecas necessitaram se adaptar a disseminação e uso dessas novas fontes de informação. Os acervos das bibliotecas também precisaram se adequar aos diversos formatos de materiais informacionais que surgiram. O acervo, antes constituído por livros, jornais, mapas, folhetos, etc. passou a oferecer outros materiais, como fotografias, microfilmes, filmes, CD-ROM, DVD e a internet. Abreu (2001, p. 25) diz que: “Para constituir um recurso didático eficiente, o acervo da biblioteca tem que ser formado e desenvolvido com critério, levando-se em conta o projeto pedagógico da escola e o contexto em que se insere”. Assim, a biblioteca tem atualmente a tarefa de coletar e disponibilizar materiais informacionais adequados em todos os suportes, contendo grande variedade e riqueza de informações.

Sobre as tecnologias de informação e comunicação, Kuhlthau (2002, p. 23) acredita que é importante inserir as crianças e jovens nesse contexto para capacitá-los a lidar com a quantidade crescente de informação e prepará-los para o mercado de trabalho. A autora acrescenta:

O uso dos recursos de informática precisa ser bem planejado, considerando-se também que as habilidades, especialmente no que diz respeito à utilização do computador, variam de pessoa para pessoa. Algumas pessoas têm a oportunidade de usá-lo desde pequenas e dominam com rapidez os recursos do mouse e do teclado. Outras só terão a oportunidade de se aproximar do computador quando chegam à escola. Também entre as escolas há grande diversidade na disponibilização de recursos informáticos. Algumas possuem laboratórios onde são reunidos os equipamentos e onde ocorrem os treinamentos e as aulas que utilizam computadores. As bibliotecas dispõem de poucas máquinas para os usuários e têm que controlar rigidamente o tempo de uso.

Com a convergência de recursos informacionais disponibilizados de forma atual e ampla no espaço virtual, através de textos, imagens, sons e movimentos e com a leitura hipertextual e interativa dos documentos, a biblioteca escolar proporciona aos usuários novas formas de pesquisa. Todavia, apesar de a internet apresentar-se como uma fonte rica de informações para a pesquisa escolar, a situação não se modificou com relação à chamada “pesquisa”: as cópias dos documentos continuam sendo feitas através dos textos encontrados na rede, e muitos copiam, recortam e colam, sem nem mesmo ter lido, entregando-o desse jeito ao professor (ABREU, 2001).

Assim, a sociedade atual, caracterizada pela crescente e excessiva abundância da informação, exige, de quem estuda e pesquisa, discernimento quanto à suficiência e seleção

da informação, tendo em vista que o ambiente proporciona informações diversificadas, mas muitas das quais são contraditórias e inconsistentes. Portanto, o ensino e a biblioteca são fatores que se complementam, tendo em vista que uma escola sem biblioteca não possui instrumentos necessários para uma educação de qualidade, bem como uma biblioteca sem o processo de ensino a toda comunidade escolar é um instrumento incerto.

Em virtude dos fatos mencionados, é fundamental não medir esforços para que a biblioteca escolar se torne um espaço não somente de educação e pesquisa, mas de cultura e adequação das necessidades surgidas com as tecnologias da informação e comunicação. É preciso, sobretudo, que esses esforços sejam efetuados em conjunto pela biblioteca e pela comunidade escolar através da política pedagógica da instituição, proporcionando o alcance dos objetivos de todos os sujeitos inseridos nesse contexto: a busca e o uso da informação de maneira eficiente e eficaz na construção de um conhecimento dos indivíduos para uma vida afora.

4. 4 O Bibliotecário Escolar

A função de mediador, administrador, gestor, disseminador da informação é a do profissional bibliotecário. Ele pode atuar em diversas áreas, muitas vezes sem ter especialidade em uma especificamente. A informação, reconhecida atualmente como bem de consumo, tem sido um ativo para as mudanças nos contextos profissionais e sociais.

O Manifesto da IFLA, no que diz respeito aos profissionais que integram à biblioteca, demonstra a importância de atuação do profissional bibliotecário escolar e o pessoal de apoio para atuarem em conjunto, dando direcionamento pedagógico às atividades realizadas, o que exige alguns conhecimentos específicos. O Manifesto salienta que é importante uma política para a biblioteca na definição de seus objetivos, possibilitando também a acessibilidade de todos os agentes escolares. (INTERNATIONAL . . ., 2000).

Cabe também à equipe da biblioteca difundir as fontes de informação, sejam elas impressas ou eletrônicas, obras de referência e afins, para que seus usuários sejam efetivos de todos os suportes e meios de comunicação, remotos ou presenciais. A biblioteca como uma extensão da sala de aula demonstra que esses recursos são complementos dos materiais de metodologias de ensino e materiais escolares.

Atualmente, vivemos em uma época chamada “explosão da informação” (MIRANDA, 2003) o que faz com que os indivíduos busquem informação a toda hora e em todo lugar, pois

a “sede” pelas últimas notícias e informações contribui para tomada de decisões frente aos acontecimentos cotidianos. E ao bibliotecário, quais os desafios frente a esse novo período? Sales (2004, p. 40) define o bibliotecário como:

[...] um profissional da informação que produz e dissemina informações sobre documentos e seus conteúdos, atuando também como mediador dessas informações, ou seja, o bibliotecário é o profissional capacitado a atender as necessidades informacionais de todos os usuários, sejam de bibliotecas, ou de qualquer centro de documentação.

O bibliotecário figura em diversos contextos. Da empresa ao escritório de advocacia, passando pelas escolas e universidades, é um profissional apto a atuar em diversas instituições com objetivos estabelecidos.

Atualmente, os profissionais bibliotecários têm buscado humanizar seu trabalho, reconhecido basicamente pelo caráter tecnicista, não apenas garantindo aos seus usuários o direito à informação, mas, também, agregando a sua identidade profissional essa necessidade de mudança. Sales (2004, p. 41) aponta que: “[...] uma profissão meramente tecnicista está fadada à extinção, por isso sua evolução pode fazer com que a história continue a ser escrita com outro enredo.”

A formação do bibliotecário se dá inicialmente na Universidade, onde a maioria dos cursos oferecidos possui caráter tecnicista em seus currículos, através da aprendizagem de norma, regras e códigos. Porém, tratar a informação não significa somente catalogar e classificar, ou seja, definir o conteúdo temático de um documento, mas pensar como o conteúdo disponibilizado irá, de alguma forma, aprimorar o conhecimento de alguém e, como consequência, contribuir para seu desenvolvimento pessoal, por meio do favorecimento da análise crítica, do questionamento e do entendimento da realidade, seja ela uma informação técnica, científica, cultural ou de lazer (MACEDO, 2005).

Desse modo, da mesma forma que a biblioteca escolar dificilmente é vista como um espaço pedagógico, o bibliotecário, quando existente na escola, principalmente em escolas de ensino público, raramente é considerado um educador. Seu trabalho possui muito mais reconhecimento técnico e burocrático, distanciado do papel de agente pedagógico e de sua função de bibliotecário escolar.

Todavia, Sales (2004, p. 54) salienta que é importante o fazer técnico do bibliotecário para o bom andamento do setor e de suas atividades. Entretanto:

O que costumeiramente acontece é que por exigência do estabelecimento de ensino, ou por falta de consciência do próprio bibliotecário, relacionada a seu papel pedagógico, a demanda de serviço como (simples) organização de estantes e empréstimo de livros, acaba por ocupar quase todo o tempo, restando apenas alguns poucos momentos para uma atividade de interação direta com o estudante e demais membros da comunidade escolar que envolva o emprego de técnicas pedagógicas.

Acreditando nisso, o bibliotecário, quando possui a oportunidade para atuar em alguma função pedagógica ou busca essa oportunidade, pode desempenhar um papel de agente transformador em uma dada sociedade e deixar para trás suas peculiaridades de isolamento e passividade que tanto lhe são atribuídas. O primeiro passo para a integração com a sociedade é a biblioteca, a partir do reconhecimento da instituição e dos profissionais de que cada usuário é um cidadão e, como tal, busca um bem, a princípio abstrato, que lhe trará algum desenvolvimento pessoal e que ao sair da biblioteca, ele ainda estará buscando, pois a informação não é um bem finalizado. Esse usuário, portanto, voltará.

Todavia, nem toda informação disponibilizada é adequada para suprir as necessidades dos usuários. Cabe assim ao bibliotecário facilitar o acesso à informação e que essa informação proporcione entendimento de quem a busca. Fragoso (2005, p. 170) relaciona o usuário e o bibliotecário em um contexto considerado melancólico: “[...] um balcão de achados e perdidos, ou seja, leitores perdidos sem encontrar respostas para seus questionamentos diante de profissionais alheios, que não satisfazem os anseios dos que transitam pelo ambiente.” Uma reflexão triste, porém, muitas vezes realista acerca de nossos bibliotecários.

Entretanto, não é só a informação que o bibliotecário necessita conhecer e considerar importante, mas também a quem ela será disponibilizada. O apoio às atividades dos docentes de uma instituição não se reduz apenas ao repasse de materiais, mas em oferecer recursos informacionais a partir do conhecimento de seus usuários, das necessidades de informação, interação com o corpo docente e com os alunos e a possibilidade de essa informação dada poder construir algum conhecimento para este usuário (MACEDO, 2005).

A ascensão das tecnologias de informação e comunicação tem estado atualmente dentro dessa realidade. A boa orientação no uso das ferramentas de informação, principalmente na internet, a verificação da veracidade das informações coletadas e a qualidade da informação são questões que o bibliotecário deve intermediar na aproximação do usuário com as tecnologias de informação. É importante a atualização dos programas utilizados, além da biblioteca proporcionar a apresentação de cursos ou oficinas para seus

usuários na área da informática, a fim de desenvolver uma visão crítica frente a essas tecnologias.

Com essas transformações nas suas atividades, o bibliotecário escolar atinge outras responsabilidades, não somente tarefas técnico-administrativas, mas passa a desenvolver ações pedagógicas concretas que venham estimular o uso da biblioteca por toda comunidade escolar. Isso porque é preciso lutar para a formação de uma identidade pedagógica, pelo reconhecimento de um espaço de subsídios e instrumentos informacionais no contexto educacional.

4.5 A Educação de Usuários como Auxiliar na Aquisição de Competências Informacionais

Em virtude das constantes mudanças que a Biblioteconomia vem sofrendo ao longo dos anos, tanto teórica, técnica e metodológica, uma das áreas que sofreu significativo desenvolvimento é a área de Educação de Usuários. A partir da instalação deste novo ciclo, o profissional bibliotecário descobriu-se frente a um novo período onde se tornaram necessárias mudanças na prática do profissional da informação preparado para atender e educar o usuário, pois as necessidades de informação também modificaram assim como os recursos existentes para acessá-la.

Primeiramente, as bibliotecas tinham seu enfoque voltado ao espaço físico e às fontes impressas disponíveis, sendo o objetivo principal organizar suas coleções e disseminar seus serviços.

Através dos anos, os enfoques e os conteúdos utilizados foram modificados, centrando-se os estudos nos usuários da informação, tomando conhecimento da utilização das fontes e dos serviços disponíveis, bem como a seleção e posteriormente o uso da informação. A partir dos anos 70, novos formatos de comunicação foram aliados à instrução do uso às fontes impressas existentes na época, fazendo com que o profissional bibliotecário adquirisse novas habilidades no manejo das novas fontes de informação e também, conhecesse as necessidades de seus usuários através de ações de estudos e educação de usuários (OLIVEIRA, 2000).

Os estudos acerca da Educação de Usuários têm sido desenvolvidos há alguns anos. A adoção de expressões ou conceitos como treinamento de usuários, educação de usuários, *Information Literacy* (literacia informacional), competência informacional e formação de usuários demonstram sobretudo, que a abordagem é o sistema centrado no usuário.

O conceito de treinamento de usuários é definido por Oliveira (2000) como parte do processo de educação, abrangendo ações e/ou estratégias para o desenvolvimento de determinadas habilidades dos usuários que, por desconhecimento de situações específicas ou recursos informacionais de uso da biblioteca, necessitam ser envolvidos no conjunto de meios necessários para tal. Todavia, Caregnato (2000, p. 49) expressa que a partir dos anos 2000 a expressão treinamento de usuários passou a ser contestada: “Treinamento de usuários, embora ainda utilizada na linguagem coloquial dos bibliotecários, é uma expressão em desuso na literatura, porque está associada a modelos educacionais hoje contestados [...].”

De acordo com Monfazani e Curzel (2006), o México foi o país pioneiro no desenvolvimento dos estudos acerca da educação de usuários na América Latina e Central. O termo tem sido utilizado desde os anos 1970, estendo-se estes estudos, consecutivamente, ao Brasil, Colômbia, Costa Rica e Cuba.

O termo Educação de Usuários é assim definido por Oliveira (2000, p. 3): “Educação de Usuários de Bibliotecas, de modo geral, entende-se como o processo pelo qual o usuário interioriza comportamentos adequados com relação ao uso da biblioteca e desenvolve habilidades de interação permanente com o sistema de informação.”

Assim, a educação de usuários propicia uma relação/interação biblioteca e usuários, com a finalidade de projetar esforços na possibilidade de atingir um número considerável de pessoas que possam utilizar, de forma efetiva e eficaz os serviços da biblioteca.

Exemplo de estudo aprofundado sobre de educação de usuários em bibliotecas escolares é a adaptação da obra de Carol Kuhlthau *Como Usar a Biblioteca na Escola: um programa de atividades para o ensino fundamental* (2002), onde é apresentado um programa completo de educação de usuários, abarcando desde a educação infantil até as últimas séries do ensino fundamental. O livro abrange duas dimensões: a primeira, teórica, ao propor um trabalho baseado nas perspectivas construtivistas da aprendizagem, com ênfase na abordagem do desenvolvimento cognitivo da criança apresentada por Jean Piaget; e a segunda, prática, ao apresentar uma série de atividades, minuciosamente descritas e estruturadas num programa seqüencial a ser aplicado no ritmo do desenvolvimento do aluno. Focalizando as competências a serem desenvolvidas e integrando habilidades de leitura e pesquisa, o programa proposto permitirá que o aluno adquira, de forma gradual, as habilidades informacionais necessárias para localizar, selecionar, interpretar e usar a informação.

A expressão *Information Literacy* tem sido a mais utilizada pelos estudiosos atualmente para caracterizar a aquisição de competências em informação. De acordo com Dudziak em sua obra de 2003, a expressão surgiu em 1974, sendo precursor o bibliotecário

norte-americano Paul Zurkowsky, com um artigo intitulado *The Information Service Environment Relationships and Priorities* (As Relações e Prioridades no Ambiente de Serviço de Informação), descrevendo em sua obra uma série de recursos e serviços que provinham de instituições privadas e suas relações com as bibliotecas. Na época, Zurkowsky era presidente da *Information Industry Association*, e desta forma, propôs que os recursos informacionais deveriam ser aplicados a situações de trabalho, na resolução de problemas por meio de aprendizado de técnicas e habilidades no uso das ferramentas de acesso à informação.

Ainda nos anos 70, outros estudiosos viriam a desenvolver os estudos sobre *information literacy*, destacando que o conceito era mais abrangente, como a importância do desenvolvimento da tomada de decisão na localização e uso da informação. Já nos anos 80, com a crescente transformação nas novas tecnologias de informação, mostrou-se que novos elementos surgiram, como a integração do trabalho do bibliotecário com docentes e educadores em geral, para a implementação de novos programas voltados à aquisição de *information literacy*. (OLIVEIRA, 2000)

Dudziak (2003, p. 24), expõe que ainda não foi consolidada a expressão em língua portuguesa de *information literacy*: “Porém, algumas expressões possíveis seriam alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação”. A autora define *information literacy* como sendo:

O processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida. (DUDZIAK, 2003, p. 28).

Esta definição demonstra que a implementação de programas de *information literacy* propicia a capacidade de intervenção do usuário no qual o programa se fundamenta, a fim de que este possa ter uma atitude crítica, investigativa, autônoma e uma busca criativa, muitas vezes possibilitando o aprendizado e a inclusão da informação em todos os processos educacionais.

Algumas instituições internacionais como a *American Association of School Librarians – AASL*, apresentam padrões para bibliotecas escolares referentes a *information literacy*. Estes padrões estão centrados em um programa destinado a desenvolver a competência no uso da informação. O documento publicado pela instituição denominado *Information Literacy Standards for Student Learning: standards and indicators*, define as

diretrizes, os conteúdos e os processos relacionados à informação e como um aluno pode ser considerado “*information literate*” (AMERICAN. . ., 1998)¹².

Algumas instituições internacionais como a *American Associations of School Librarians* – AASL, apresentam padrões para bibliotecas escolares referentes a *information literacy*. Estes padrões estão centrados em um programa destinado a desenvolver a competência no uso da informação. O documento publicado pela instituição denominado *Information Literacy Standards for Student Learning: standards and indicators*, define as diretrizes, os conteúdos e os processos relacionados à informação e como um aluno pode ser considerado “*information literate*” (AMERICAN. . ., 1998)¹³.

É dividido em nove padrões (*standards*), e em cada padrão, subdividem-se em indicadores (*indicators*), isto é, do nível mais geral para explicações mais específicas.

Abaixo, relacionam-se os padrões e seus principais indicadores (AMERICAN. . ., 1998)¹⁴:

- a) *padrão 1: o estudante que é competente acessa a informação com eficiência e eficácia; assim, ele reconhece sua necessidade de informação; reconhece a informação como base para tomadas de decisão; formula questões baseadas em suas necessidades de informação; identifica uma variedade de recursos de informação em potencial, além de desenvolver e utilizar com sucesso as estratégias de busca e localização de informação;*
- b) *padrão 2: o estudante que é competente avalia a informação com crítica e competência; isto é, determina a relevância e compreensão da informação; distingue os fatos, os pontos de vista e as opiniões; seleciona a informação apropriada para o problema ou questão;*
- c) *padrão 3: O estudante que é competente usa a informação com exatidão e criatividade; organiza a informação para aplicação prática; integra novas informações para transformar em conhecimento; aplica a informação com pensamento crítico e para a solução de problemas;*
- d) *padrão 4: o estudante que é competente é, por consequência, independente, relaciona a informação com seus interesses pessoais; busca a informação relacionada a várias dimensões pessoais, de tal modo que seus interesses profissionais, comunitários, de saúde ou lazer estejam envolvidos; planeja,*

¹² Documento eletrônico.

¹³ Documento eletrônico.

¹⁴ Documento eletrônico.

desenvolve e avalia produtos de informação e soluções relacionadas a interesses pessoais;

- e) *padrão 5: o estudante que é competente é, por consequência, independente, e aprecia a literatura e outras formas criativas de expressão de informação; é competente e motiva-se à leitura; busca o significado da informação apresentada em uma variedade de formatos criativamente e as desenvolve;*
- f) *padrão 6: o estudante que é competente é, por consequência, independente, e empenha-se pela excelência na busca da informação e na geração de conhecimentos; avalia a qualidade dos processos e produtos na busca pessoal pela informação e planeja estratégias para a revisão, melhora e atualiza-se através do conhecimento gerado;*
- g) *padrão 7: o estudante que contribui positivamente para o aprendizado de uma comunidade e para a sociedade é competente em informação e reconhece a importância da informação para a democratização da sociedade; busca a informação em diferentes fontes, contextos, disciplinas e culturas e respeita os princípios de igualdade de acessos à informação;*
- h) *padrão 8: o estudante que contribui positivamente para o aprendizado de uma comunidade e para a sociedade é competente em informação e possui um comportamento ético com respeito à informação e as tecnologias de informação; assim, respeitando os princípios de liberdade intelectual e direitos autorais, além de usar as tecnologias de informação com responsabilidade;*
- i) *padrão 9: o estudante que contribui positivamente para o aprendizado de uma comunidade e para a sociedade é competente em informação e participa efetivamente de grupos para procura e geração de informação; compartilhando conhecimentos e informações com outros; respeitando idéias contrárias e reconhecendo outras contribuições; identifica os problemas informacionais e busca suas soluções, projetando, desenvolvendo e avaliando os produtos informacionais e suas soluções.*

Estes critérios demonstram que há muito ainda o que se fazer para um aluno ser considerado competente informacional, pois são vários os requisitos para tal. Indicam, sobretudo, que os estudantes necessitam aprender a utilizar o ambiente tecnológico, envolvendo habilidades de aprender em situações dinâmicas, onde a informação está em constante mudança; habilidade de localizar, selecionar e gerenciar a informação, tentando

encontrar significado em lugares onde não estão previamente organizadas em textos e, principalmente, a habilidade de construir um entendimento próprio a partir do ambiente rico em informação, desafiando as escolas, e, por conseqüência, as suas bibliotecas, a educar seus alunos a aprender a viver na sociedade da informação.

Outro exemplo de instituição internacional que se propõe a pesquisar sobre *Information Literacy* é a *Society Of College, National And University Libraries – SCONUL* – localizada na Inglaterra, que possui um grupo de estudos sobre o assunto e no ano de 1999, definiu-se que há um modelo para que a literacia informacional seja desenvolvida em estudantes de ensino superior. Com o propósito de estimular o debate sobre as habilidades de informação dos usuários, foi convocada uma força tarefa com profissionais bibliotecários que trabalham há vários anos com este enfoque e formuladas questões como: “Por que habilidades de informação são importantes?”; “Quais os princípios para sua boa prática na área em que atua?”, e diante de alguns estudos aprofundados pelo Comitê *Information Literacy*, surgiu a proposta de um modelo, denominado “*The Seven Pillars of Information Literacy*” ou “Os Sete Pilares da *Information Literacy*” (SOCIETY. . . , 1999).¹⁵

O modelo apresentado demonstra os sete pilares do desenvolvimento de *information literacy* com as seguintes bases:

- a) *reconhecer as necessidades de informação*; o usuário reconhece quais são suas necessidades de informação para poder seguir na busca para preencher tais necessidades;
- b) *distinguir maneiras de preencher lacunas (gap)*; o usuário necessita o conhecimento de apropriados tipos de recursos, impressos ou não impressos;
- c) *construir estratégias para localização da informação*; através disso, o usuário desenvolve um método sistemático para cada necessidade, bem como articula as necessidades de informação frente aos recursos disponíveis, como também entende os princípios de construção e geração de bases de dados;
- d) *acessar e localizar a informação*; o usuário desenvolve técnicas de busca apropriadas, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s), além da capacidade de usar apropriadamente os serviços de indexação, abstracts, índices de citação e bases de dados;
- e) *comparar e avaliar a informação obtida em diferentes meios*; para estar atento às tendências, autorias, ao processo de revisão de pares em publicações, extraindo

¹⁵ Documento eletrônico.

as necessidades de informação apropriadas, que agreguem valor a informação obtida;

- f) *organizar, aplicar e comunicar a informação*; através de referências bibliográficas de projetos e teses, tendo em vista a importância de um sistema bibliográfico pessoal, usando efetivamente os meios apropriados para tal e buscando compreender o que são plágios e documentos que possuem direitos autorais salvaguardados;
- g) *sintetizar e construir além da informação existente*; para contribuir na criação de novos conhecimentos.

O documento explicita que os quatro primeiros atributos supracitados são habilidades básicas no uso da biblioteca, pois o usuário busca a informação quando, na maioria das vezes, sente essa necessidade, logo após essa lacuna da necessidade precisa ser preenchida, a partir disso, estabelece estratégias para a busca desta informação, acessando a informação desejada através das técnicas e tecnologias apropriadas.

Os três últimos atributos situados na base do pilar são apontados como habilidades especializadas, ou utilizadas por usuários mais especializados ou familiarizados com o sistema. Assim sendo, com a informação obtida, é necessário o discernimento do usuário quanto à importância, qualidade e propriedade não só da informação que será utilizada, mas também das fontes que originaram, e a construção desta informação no sujeito que empregá-la, através de novos conhecimentos obtidos, desenvolvidos desde a utilização eficiente da biblioteca escolar.

Este modelo apóia os objetivos da *information literacy* apresentados por Dudziak (2003), no qual a autora cita, dentre tantos outros, que a *information literacy* forma indivíduos capacitados para dialogar com colegas e professores demonstrando suas necessidades de informação, com a capacidade de identificar potenciais fontes de informação e assim definir critérios de escolha e tomada de decisão; capacidade de manusear as fontes de informação de maneira efetiva e eficaz; avaliação da informação segundo a pertinência, relevância, lógica e ética; consideram a aplicação da informação como gerador de conhecimento, observando os aspectos éticos, sociais, econômicos e políticos; e sobretudo, que estes indivíduos sejam aprendizes independentes e aprendam ao longo da vida, pois é de suma importância que internalizem valores que agreguem o uso da informação como significado contínuo para suas vidas.

O termo Competência Informacional, conforme Campello (2003), é uma possível tradução da expressão *information literacy*, constituindo um conjunto de habilidades específicas para lidar com a informação, habilidades estas para localizar, interpretar, sintetizar, analisar, avaliar e comunicar informação, sejam em fontes impressas ou eletrônicas. A autora cita, também, que a competência informacional é uma forma de letramento, ou seja, uma alfabetização informacional, pressupondo que, o usuário que possui a competência informacional usa a informação com criatividade, precisão, de forma crítica, independente e competente.

Miranda (2004, p. 115) define competência:

Competência é um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionados que afeta parte considerável da atividade de alguém, se relaciona com o desempenho, pode ser medido segundo padrões preestabelecidos e pode ser melhorado por meio de treinamento e desenvolvimento.

A competência informacional pode ser definida como o desenvolvimento de um conjunto de habilidades para o uso de um sistema de informação; da organização que desempenha um papel de sustentação dos recursos disponibilizados e de competências ligadas ao profissional ou de uma atividade de informação. O conhecimento especializado demonstrado através da determinação das necessidades de informação, coleta, processamento, uso e distribuição da informação, além do uso otimizado das tecnologias da informação e dos contextos informacionais, demonstram ser fatores intimamente relacionados com o desenvolvimento de competências informacionais.

Monfasani e Curzel (2006, p. 35) têm o seguinte entendimento sobre a expressão Formação de Usuários (FU): “É todo esforço para orientar o leitor, individual ou coletivamente, para que use de maneira eficaz os recursos e serviços que oferece a biblioteca e utilize de forma adequada a informação.”

Este esforço se concretiza em ações nas quais a biblioteca desempenha um papel educacional e o bibliotecário atua como educador, formando e capacitando indivíduos para um processo qualificado de busca da informação, acesso e seu uso.

Todavia, Naranjo Veléz (2005), define a formação de usuários como indivíduos em constante desenvolvimento e que sua formação ocorre tanto no campo intelectual, como espiritual e afetivo. Esta formação se manifesta desde o interior do sujeito, que se mostra como um ser autônomo e livre, cultivando a razão e sensibilidade, influenciado pela cultura, aprendizagem e sociedade. Essa idéia está voltada aos aspectos psicológicos do sujeito e não

ao sistema de busca da informação ou ao profissional que desenvolverá o programa de formação destes usuários.

Unindo as idéias anteriormente expostas, pode-se afirmar que o esforço despendido no desenvolvimento de competências informacionais dos usuários será coadjuvante do desenvolvimento total de suas personalidades.

Para que os bibliotecários possam se engajar em programas de formação de usuários, devem eles próprios desenvolver algumas habilidades. Estas habilidades podem ser alocadas em três níveis: o nível de *conhecimento*, incluindo fatores como conhecimento interdisciplinar e especializado, capacidade de contextualização, capacidade de conceituação, conhecimento da demanda ou do cliente; o nível de *habilidades específicas* como o domínio de ferramentas e de tecnologias de informação, restringindo os conhecimentos adquiridos pelo profissional no meio acadêmico ou no trabalho, exigindo do profissional adequação ao contexto atuante; e o nível de *aptidões*, este algumas vezes difícil de ser percebido pelo profissional, pois inclui fatores como adaptação ao novo, flexibilidade e abertura às mudanças; capacidade de gerenciamento; bom relacionamento interpessoal, excelência na comunicação oral e escrita; ser ético, pró-ativo, empreendedor, ter energia, criatividade e consciência coletiva, elementos que muitas vezes exigem transformações pessoais do bibliotecário, e sendo subjetivos, nem sempre é fácil apreender do ser humano o que é inato. (Miranda, 2004); (Faria et al., 2005) .

A partir do que foi apresentado anteriormente, é necessário a realização de programas ou ações que visem o desenvolvimento e a formação de competências em informação para usuários em bibliotecas. Portanto, para o desenvolvimento de um programa de educação de usuários, é necessário que algumas variáveis sejam consideradas: averiguar a conveniência de um estudo de usuário da instituição para o levantamento das necessidades de informação de seus usuários; verificar em que momento realizar o projeto de educação dos usuários; levantar quais os conteúdos a aplicar para o programa ser bem desenvolvido; constatar quais os meios utilizados para a difusão do programa dentro e fora da organização, etc. Deste modo, a biblioteca tomará conhecimento das necessidades de instruir seus usuários, organizando e planejando os novos recursos que serão convenientes adquirir ou implementar.

Os usuários e suas necessidades modificam-se: portanto, os resultados que se obtêm através da oferta da biblioteca e a demanda do usuário devem ser fatores de reflexão constante, já que estes fatores conduzirão inevitavelmente a modificação dos programas de formação. (MONFASANI; CURZEL, 2006, p. 37).

Dessa maneira, o profissional ou unidade de informação que pretende implantar ou manter uma formação de usuários eficaz necessita verificar quais as necessidades prementes de seus usuários periodicamente, para que sejam cumpridas as expectativas dos usuários com relação às respostas do sistema.

Neste processo de formação de usuários, é preciso capacitá-los para que melhorem suas habilidades básicas e manejem as ferramentas de busca da informação de maneira que ao reconhecer suas necessidades, façam uma busca completa, definindo o tema e formulando corretamente a demanda informativa, como destaca Naranjo Veléz (2005, p. 48): “Quando o usuário recebe uma formação que tem significado para ele, é mais factível obter – na unidade de informação- um uso ótimo dos serviços e recursos como também da informação em geral.”

Este estudo se ocupou das questões de competência informacional relacionada com os alunos de ensino fundamental, objetivando através de ações de educação de usuários instigar a capacidade cognitiva destes usuários e capacitá-los para que façam uso eficaz e eficiente da biblioteca, sobretudo que suas buscas de informação sejam independentes, através da descoberta de suas dificuldades informacionais e possíveis elementos para a criação de um programa de educação de usuários, visando o desenvolvimento das competências informacionais dos alunos pesquisados.

4. 5 O Programa de Educação de Usuários: uma questão de planejamento

O usuário, para conhecer ou buscar uma biblioteca para sanar suas necessidades de informação, sejam elas quais forem, precisa que seja “conquistado” para tal. As bibliotecas, através da promoção de seus produtos e serviços, devem chamar atenção de seus usuários sobre as inúmeras possibilidades que oferecem com vistas à solução de seus problemas informacionais. Assim, é necessário planejar um programa de educação de usuários, buscando que estes usufruem todos os benefícios que a biblioteca oferece.

É necessário, no entanto, que estas ações de promoção sejam sucedidas de oportunidades de aprendizado na busca e uso da informação disponibilizada.

A aceção de planejamento para Sant’anna et. al (1993, p. 14) é: “[...] planejamento requer que se pense no futuro. É composto de várias etapas interdependentes, as quais, através de seu conjunto, possibilitando à pessoa ou grupos atingir seus objetivos”.

Em termos gerais, planejamento é o propósito de programar, projetar algo, visando mensurar ações a serem realizadas para atingir determinados objetivos, quer em situações normais do cotidiano, quer em situações conflituosas.

Quando o profissional que atua em uma biblioteca se propõe a realizar uma atividade, no caso deste estudo, um programa de educação de usuários, busca racionalizá-la através de uma metodologia que favoreça o alcance do que ele deseja.

Com essa metodologia, busca-se a formação dos usuários com vistas à sua autonomia para o uso eficiente dos sistemas de informação. Guinchat e Menou (1994) ressaltam que a formação de usuários pode ser distinguida por dois tipos: o primeiro que visa instituir uma consciência individual e coletiva das tecnologias de informação e comunicação; e o segundo visa adquirir conhecimentos e qualificações específicas ou de um sistema específico. Essa formação, segundo os autores, pode ser realizada através de cursos, trabalhos, estágios, etc. de acordo com os objetivos que o programa se propõe, através de ações de sensibilização, que dá um conhecimento geral acerca dos recursos e serviços disponibilizados pela biblioteca; e de ações de orientação, onde é feita uma iniciação aos usuários dos recursos e serviços da biblioteca e como utilizá-los.

Os autores expõem que:

Toda ação de formação deve ser realizada através de um plano que responda as seguintes questões: para quem? (público-alvo); Como? (reflexão sobre os métodos de ensino; estudo de caso e simulações); Por quanto tempo? E de que forma? (sessões contínuas e descontínuas); Onde? (em uma sala de reuniões, no serviço de informação); para quem? (para professores, para profissionais). (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 490).

A formação de usuários pressupõe a necessidade de um estudo sobre os mesmos, de modo a conhecer suas características e necessidades de informação.

Há algum tempo, os profissionais bibliotecários têm sentido a necessidade de conhecer o público ao qual atendem, descobrir suas necessidades de informação e que uso será dado à mesma. Assim, foram criados nos anos 40 os estudos de usuários, técnicas que visam investigar as necessidades de informação dos usuários, fluxo de informação, demanda, satisfação dos usuários e tantos outros aspectos direta ou indiretamente ligados à informação.

Segundo Figueiredo (1994, p. 7): “Através destes estudos verifica-se porque, como e para que fins os indivíduos usam a informação, e quais fatores que afetam tal uso.” Desse modo, aplicando-se um estudo de usuário ao público de uma unidade de informação, compreende-se seu comportamento e cria-se a possibilidade de demanda de produtos e

serviços. Estes estudos também permitem abrir um canal de comunicação entre o usuário e a biblioteca, a partir das opiniões e dados expressos, favorecendo o atendimento das necessidades de informação pela biblioteca.

A partir desse conhecimento, a possibilidade de criação de um programa de educação de usuários que proporcione o desenvolvimento de competências informacionais, terá grandes possibilidades de ser bem sucedido.

Desse modo, para o planejamento de educação de usuários, a seguir, serão apresentados os itens que estão no Programa, este dividido em Plano de Sensibilização e Plano de Orientação ao uso dos serviços da Biblioteca:

- a) *dados de identificação*: constituem-se nos dados pertinentes para a identificação da instituição na qual o Programa se objetiva;
- b) *justificativa*: apresenta qual o intuito do Programa;
- c) *objetivos*: apresentam-se subdivididos em geral e específicos. Os objetivos gerais são aqueles de maior abrangência, que determinam as metas que o sistema, a empresa, etc. desejam alcançar. Os objetivos específicos são os que particularizam a compreensão dos objetivos gerais, correspondendo aos resultados a serem alcançados, referindo as ações específicas e detalhadas;
- d) *desenvolvimento*: subdividem-se em: procedimentos, estabelecendo os planos de sensibilização e orientação; recursos humanos; recursos materiais e recursos financeiros utilizados na biblioteca e na maioria das vezes oriundos de instituições mantenedoras;
- e) *cronograma*: apresenta os períodos de execução para a realização do Programa, incluindo as etapas de avaliação e possível reestruturação do mesmo;
- f) *avaliação*: no decorrer do Programa serão desenvolvidas uma série de avaliações para mensurar sua eficiência. Essas avaliações dividem-se em avaliações de processo e de produto, através de instrumentos como técnicas de observação e questionários.

O planejamento, a execução e as sugestões de atividades apresentadas nos planos de Orientação e Sensibilização foram baseados no livro também citado anteriormente da autora norte-americana Carol Kuhlthau chamado *Como Usar a Biblioteca na Escola*: um programa de atividades para o ensino fundamental, editado em português no ano de 2002, no qual a autora fornece um grande embasamento para os profissionais em bibliotecas escolares que

desejam conquistar seus usuários através de atividades didáticas e exemplos como desenvolver o gosto pelo uso da biblioteca com crianças e jovens, proporcionando a competência em informação destes usuários.

Acredita-se que através da efetivação destes itens, é possível realizar um Programa de educação de usuários com o objetivo de favorecer o desenvolvimento de competências informacionais nos alunos da quinta série do ensino fundamental, usuários da Biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha (ver apêndices B, C e D).

METODOLOGIA

Abaixo, se apresenta a metodologia utilizada neste estudo.

5. 1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa se constituiu em um estudo de caso do tipo exploratório com abordagem quali-quantitativa. Essa abordagem, segundo Liebscher (1998), proporciona estudos complexos de natureza social, que não tendem somente à quantificação, mas permitem maior riqueza e profundidade nas informações coletadas, bem como maior flexibilidade na coleta de dados e na sua interpretação.

5. 2 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, que, segundo Lakatos e Marconi (1991): “[...] é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas as quais devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” A aplicação de questionário nesse tipo de pesquisa apresenta vantagens que vão desde a economia de tempo para o pesquisador; o alcance a um número maior de pessoas para serem pesquisadas simultaneamente; a obtenção de respostas rápidas e precisas; além, claro, da liberdade nas respostas em função do anonimato. As principais desvantagens, de acordo com Lakatos e Marconi (1991) seriam a baixa porcentagem de devolução dos questionários; perguntas que não são respondidas; impossibilidade de ajuda nas questões mal-compreendidas e a impossibilidade, muitas vezes, de não escolher quem responderá os questionários.

O questionário foi elaborado com questões abertas e semi-abertas, possibilitando ao informante responder livremente e emitir opiniões; e questões fechadas, que permitem respostas mais objetivas, pois são aquelas questões em que o informante escolhe entre opções a resposta (LAKATOS; MARCONI, 1991).

Dessa forma, foi necessário elaborar um questionário coerente, para que todos esses fatores não viessem a dificultar o trabalho do entrevistador, mas que esse só obtivesse vantagens em sua aplicação. O instrumento aqui utilizado encontra-se no apêndice A.

5. 3 Descrição da População

A delimitação da população permite explicitar quais são as pessoas, coisa, fenômenos, e afins que serão pesquisados, enumerando suas características comuns como idade, sexo, comunidade em que vivem, etc. (LAKATOS; MARCONI, 1991). A população estudada foi constituída dos alunos da quinta série do Colégio Farroupilha, do turno da manhã.

5. 4 Tipo de Amostragem

A amostragem consiste em escolher uma parte, ou amostra, da população estudada, de tal maneira que ela seja a mais representativa possível do todo, e a partir dos resultados obtidos relativos a essa parte, pode-se inferir, o mais genuinamente possível, os resultados da população total (LAKATOS; MARCONI, 1991).

A amostra foi estabelecida em 20% (vinte por cento) da população estimada dos alunos da quinta série do ensino fundamental do Colégio Farroupilha, que é de 113 alunos, constituindo-se assim por 29 alunos que responderam aos questionários.

O processo de amostragem deu-se de forma probabilística, que, segundo Lakatos e Marconi, em sua obra do ano de 1991, é um processo que possibilita a escolha aleatória dos pesquisados, de forma que cada membro da população tenha a mesma probabilidade de ser escolhido. Permitiu também a utilização de tratamento estatístico, que possibilitou compensar erros amostrais e outros aspectos relevantes para a representatividade da amostra.

5. 5 Tratamento e Apresentação dos dados

Os dados quantitativos foram tabulados e apresentados estatisticamente através de tabelas, com seus respectivos percentuais das respostas obtidas e analisadas de forma descritiva.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi obtida por meio de vinte e nove questionários respondidos pelos alunos de quinta série do ensino fundamental do turno da manhã, contendo três questões

fechadas, cinco semi-abertas e uma questão aberta. A reunião de seus dados propiciaram uma visão descritivo-explanatória das características dos alunos com relação à Biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha.

Os dados analisados estão agrupados em tabelas a seguir apresentadas, conforme a ordem das questões propostas.

6.1 Características Gerais

A primeira questão do instrumento de coleta de dados enfocou uma característica comum dos usuários pesquisados: o sexo.

O número total de entrevistados foi de 29 (vinte e nove) alunos. Dos respondentes, 59% representam o **sexo feminino** e 41% o **sexo masculino**, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Sexo dos entrevistados

Sexo	Frequência	%
Masculino	12	41
Feminino	17	59
Total	29	100

6.2 Frequência e Uso da Biblioteca

Com relação à frequência de uso da Biblioteca, verificou-se que a maioria dos respondentes a frequenta quando o **professor solicita uma tarefa** (41%); seguido de 35% dos usuários que a utilizam semanalmente. Nenhum dos respondentes utiliza a biblioteca diariamente.

Tabela 2: Frequência de Uso da Biblioteca

Frequência de uso	Frequência	%
Diariamente	-	-
Semanalmente	10	35

Quando solicitado	12	41
Eventualmente	7	24
Total	29	100

Isso evidencia que essa amostra de usuários utiliza principalmente a Biblioteca por que o professor solicita tarefas em sala de aula, incitando-os a utilizar os recursos informacionais disponíveis na mesma, ou porque imaginam que nesse ambiente possam encontrar somente informação demandada pelo professor.

A Tabela 3 apresenta o motivo que os leva até a Biblioteca. Foi solicitado que assinalassem, no máximo, duas opções no questionário.

Tabela 3: Motivação de Uso da Biblioteca

Motivação de Uso	Frequência	%
Empréstimo	7	24
Estudo e/ou leitura	19	65
Acesso à internet	-	-
Tarefa solicitada pelo professor	18	62
Outra razão	1	3
Total	29	-

Constatou-se que a maioria da amostra utiliza a biblioteca para **estudo** com 19 respondentes, representando 65%. Com um percentual representativo de respondentes que igualmente utilizam-na quando **o professor solicita**, confirmando a tendência exposta na questão anterior, onde a maioria dos usuários também a utiliza em virtude da solicitação do professor.

Nenhum dos respondentes faz uso da Biblioteca para acessar à internet. Esse resultado se dá, sobretudo, porque os computadores da Biblioteca permanecem a maioria tempo desligados, e seu uso é exclusivamente para pesquisa.

Quando questionados sobre a Base de Dados disponibilizada para pesquisa do acervo bibliográfico da Biblioteca, a grande maioria dos usuários respondeu que **não a utiliza (72%)** ou **desconhecem a existência** desse catálogo (5%).

Tabela 4: Uso do Catálogo Online

Uso catálogo online	Frequência	%
----------------------------	-------------------	----------

Sim	3	10
Não	21	72
Desconheço a existência	5	18
Total	29	100

Esse percentual acentuado demonstra que o catálogo *online* disponibilizado não é divulgado aos alunos.

A questão 5 questionou-os sobre a atitude tomada na busca de materiais na Biblioteca. A Tabela 5 mostra que a maioria dos respondentes (48%) solicita ajuda da equipe da biblioteca quando busca um material. Porém, um percentual muito próximo, 45%, também faz sua busca autônoma no acervo, conforme é mostrado abaixo:

Tabela 5: Atitude na Busca de Informação

Busca de informação	Frequência	%
Procura nas estantes	13	45
Solicita ajuda	14	48
Outra atitude	2	7
Total	29	100

Esse contraponto é interessante porque demonstra que muitos usuários solicitam ajuda às bibliotecárias, enquanto que alguns se sentem independentes para buscar o material diretamente nas estantes, mesmo tendo em vista que só iniciaram o uso da Biblioteca este ano. Os dois usuários que responderam que tomam outra atitude apresentaram a mesma justificativa: “Vou até a estante, se não encontro, peço ajuda!”

Analisando a Tabela 6, na qual os respondentes poderiam assinalar duas alternativas, os materiais freqüentemente utilizados pelos usuários pesquisados são os **Gibis**, representando 59%. Logo após, mas com um percentual bem abaixo, está a Literatura Juvenil, com 28%, empatados com 21% estão os livros didáticos e outros materiais, exemplificados pelos alunos como “livros de/para pesquisa”, “livros medievais” e “*Guinness Book Records*”.

Tabela 6: Materiais freqüentemente utilizados

Materiais utilizados	Frequência	%
Livros didáticos	6	21

Revistas	1	3
Literatura juvenil	8	28
Gibi	17	59
Outro	6	21
Total	29	-

Esse resultado mostra que o lazer tem importância para esses usuários quando utilizam a Biblioteca muito mais do que estudo e leitura. Isso reafirma a Tabela 3, na qual demonstram que o principal motivo para utilizarem-na é quando o professor solicita. Porém, quando vão para uso próprio, são motivados pelo lazer.

Observa-se na Tabela abaixo, quando questionados sobre a Bibliotequinha, acervo infantil utilizado até a quarta série, que os usuários apreciavam principalmente a **Hora do Conto**, que foi lembrada pela maioria, (72%).

Tabela 7: Uso da Bibliotequinha

Atividades	Frequência	%
Hora do conto	21	72
Instrução p/ uso Biblioteca	1	3
Empréstimo	4	15
Outro	3	10
Total	29	100

Através desse resultado, constatou-se que os usuários preferiam ouvir histórias a retirar livros para empréstimo domiciliar (15%), o que era incentivado sempre após a atividade da Hora do Conto. Os usuários que responderam **outra atividade** são os que não estavam matriculados na Escola nos anos anteriores e assim, desconheciam as atividades desenvolvidas na Bibliotequinha. Cabe salientar que somente **1 (um)** usuário respondeu que gostava das atividades para aprender utilizar os recursos da Biblioteca.

6.3 Satisfação quanto ao Uso da Biblioteca e Sugestões

Com relação ao atendimento prestado pelas funcionárias da Biblioteca, os alunos responderam que estão **satisfeitos** (52%) e **plenamente satisfeitos** (41%). Apenas 7% (dois respondentes), não estão satisfeitos com o atendimento recebido quando utilizam a Biblioteca.

Tabela 8: Satisfação em Relação ao Atendimento das Funcionárias

Nível de Satisfação	Frequência	%
Plenamente satisfeito	12	41
Satisfeito	15	52
Pouco satisfeito	-	-
Insatisfeito	2	7
Total	29	100

Isso confirma a Tabela 5, quando os usuários solicitam, em sua maioria, a ajuda das funcionárias da Biblioteca. Também, em termos gerais, demonstra a aprovação do “serviço de referência” da mesma por 93% dos usuários pesquisados.

Todavia, na questão 9, quando solicitados para deixar alguma opinião ou sugestão para melhoria da Biblioteca, os usuários expressaram outras opiniões:

- “Deixar pegar mais livros por semana, livros mais legais para nossa idade.” (Usuário 3);
- “Deixarem usar os computadores, facilitar as procuras dos livros deixando uma folha de explicação no lado do computador.” (Usuário 5);
- “Que tenha mais livro de aventuras!” (Usuário 8);
- “Mais livros de aventura e gibis.” (Usuário 9);
- “Gostaria que as bibliotecárias atendessem a todos **muito bem!** [*sic*]” (Usuário 12);
- “Melhorar atendimento da biblioteca.” (Usuário 15);
- “As funcionárias tem que melhorar o atendimento e comprar livros LEGAIS [*sic*]” (Usuários 20 e 22);
- “Mais informações sobre a localização dos livros” (Usuário 21) ;
- “Mais silêncio e que tenha mais informações” (Usuário 25);
- “Ter mais internet, poder tirar mais de um livro e ter mais livros legais” (Usuários 26 e 27);
- “Mais jogos” (Usuário 29);

Já os Usuários 1, 7, 10, 13, 17, 18, 19 elogiaram a Biblioteca dizendo: “Está ótima”; “Não precisa mudar nada, está bom como tá [*sic*]”; “Nada precisa ser mudado!”; “Está ótimo!”. Os demais usuários não emitiram nenhuma opinião ou sugestão.

Algumas lacunas refletem-se nas opiniões quanto ao atendimento das funcionárias. As sugestões eram destacadas em grifo ou caixa alta para salientar com intensidade essas carências. É mister relatar aqui que a maioria dos usuários expressou que a Biblioteca não

precisava modificar seus serviços, reafirmando as respostas da Tabela 8, na qual a maior parte da amostra está satisfeita com o atendimento das funcionárias.

6.4 Discussão Geral dos Resultados

Este estudo sobre o comportamento dos alunos na Biblioteca serviu para identificar os principais fatores que intervêm no uso da informação disponibilizada na Biblioteca Manoelito de Ornellas. Para uma análise detalhada da qualidade e utilidade da Biblioteca para esses usuários, seria necessário um estudo qualitativo detalhado desses quesitos. Porém, com o levantamento das respostas nas questões apresentadas no questionário, que visavam, sobretudo, verificar a satisfação desses alunos quanto ao uso da Biblioteca, na qual estão se iniciando no uso e também a possibilidade de explanação de suas observações, pode-se fazer algumas inferências.

Observa-se que a Biblioteca ainda não faz parte da vida estudantil desses usuários, salvo quando o professor solicita uma tarefa em sala de aula e os alunos necessitam buscar material adequado para o cumprimento da mesma. Possivelmente, um trabalho de *marketing*, promoção ou divulgação da Biblioteca não está sendo desenvolvido para que ela não seja vista somente como um local de estudo ou de execução de trabalhos escolares requeridos pelos professores, mas, sobretudo, de conhecimento e oportunidades de lazer. A promoção de uma biblioteca tem o propósito de torná-la conhecida dos seus usuários, principalmente os usuários potenciais, mostrando as principais vantagens que podem obter com seu uso.

Os aspectos cognitivos foram observados, principalmente quanto à motivação de uso; os principais materiais utilizados; sua atitude na busca de informação; as lembranças no uso da Bibliotequinha e as sugestões para a Biblioteca.

Quando questionados sobre o motivo de uso da Biblioteca, verificou-se um equilíbrio entre estudo e/ou leitura e a realização de solicitação de tarefa pelo professor. Mostra-se, na realidade, que as duas respostas são semelhantes, pois realizar tarefas solicitadas em aula e estudar podem estar no mesmo entendimento para esses alunos e também por que a questão oportunizava que escolhessem até duas respostas, sendo essas as mais escolhidas.

A dificuldade de acesso aos computadores disponibilizados na Biblioteca é refletida na questão 3, em virtude de que nenhum dos respondentes escolheu essa alternativa. Esses computadores ficam a maioria dos tempos desligados, não são de último porte e seu uso é restrito para pesquisa. É preciso também salientar que a maioria desses alunos possui computador pessoal em sua casa, uma realidade constante em lares de classe média alta da

qual esses usuários fazem parte. Assim, se esses computadores não estão dentro das expectativas, ou precisam de um *upgrade* para uso coletivo e se seu uso é para algo que no momento eles não estão buscando, realmente não os utilizarão. Também nesta questão, alguns alunos solicitaram que os computadores ficassem ligados.

Destaca-se, também, que o único usuário que respondeu que utiliza a Biblioteca por outra razão justificou que a utiliza para **conversar**, demonstrando a imaturidade própria da idade, (entre 10 e 12 anos, faixa etária da maioria dos alunos pesquisados) quanto à importância da Biblioteca na Instituição e no processo educacional.

Pode-se também cogitar que esse usuário acredita que a biblioteca é um espaço de lazer, e como tal, a utiliza para confraternizar com os colegas. Nesse caso, a Biblioteca deve planejar procedimentos nos quais a mesma não seja visualizada como um lugar de “passar tempo”, mas de construção individual, mesmo em momentos de lazer, possibilitando, contudo, o prazer da leitura, da escrita, da busca e uso de informação.

A Base de Dados Winisis, disponibilizada na Biblioteca como recurso de busca dos materiais de informação do acervo, foi constatada como um recurso alheio para esses usuários. A grande maioria dos respondentes disse não utilizar o catálogo *online* ou desconhecer sua existência. Esse número tão relevante pode ser observado em virtude de que muitas vezes o único computador que é disponibilizado para este fim está desligado ou por que a disseminação desse recurso não está sendo devidamente executada. Salienta-se, também, que a Base de Dados também é disponibilizada no *site* da Escola, podendo novamente ser de desconhecimento dos alunos. Um aluno sugeriu que fossem colocadas explicações sobre como proceder no uso do catálogo ao lado dos computadores. Diante desses fatos, o Programa de Educação de Usuários sugerido neste estudo possui atividades que levam ao conhecimento da Base de Dados para estes alunos, com a apresentação da mesma, a explicação da terminologia utilizada, das ferramentas de busca e outros instrumentos para o uso correto.

Há uma semelhança entre a porcentagem de alunos que buscam com autonomia nas estantes e de alunos que solicitam ajuda da equipe da Biblioteca para encontrar o material. Muitas respostas sobre essas atitudes estão na questão 9 à qual muitos alunos responderam que as bibliotecárias deveriam atendê-los melhor e outros responderam que a Biblioteca estava ótima. Tendo em vista que se iniciaram no uso da Biblioteca este ano, pergunta-se: esses usuários já estão autônomos na busca da informação ou muitas vezes possuem o receio de solicitar a ajuda das Bibliotecárias em razão de que seu atendimento não é satisfatório? Ou já possuem uma pré-concepção de seu trabalho? O preconceito quanto ao trabalho

bibliotecário é notório. É de incumbência desses profissionais fazer a diferença, mostrando através de ações e atitudes cotidianas suas competências e responsabilidades. Cabe ao Programa proposto sugerir um papel de agente pedagógico ao bibliotecário escolar.

Com relação ao levantamento acerca de alguns materiais freqüentemente utilizados por esses usuários obteve-se um resultado interessante. A porcentagem mais significativa foi a utilização de gibis e, logo após, a literatura juvenil. Esse dado é observado principalmente por que esses alunos saíram a pouco da quarta série, quando a leitura era especialmente para lazer ou para intenção de aprendizado de leitura. Os livros didáticos foram pouco escolhidos também em razão do exposto. A amostra que respondeu “outro”, não sabia identificar a literatura e assim justificavam que utilizavam “livros medievais”, “livros para estudo” e *Guinness World Book Records* (Livro dos Recordes). É importante, neste sentido, um trabalho para desenvolver a habilidade de reconhecimento de literatura por parte desses alunos para que possam conceituar a busca da literatura que lhes é significativa.

Os alunos do Colégio Farroupilha têm o primeiro contato com o acervo de uma biblioteca quando, desde o jardim de infância, utilizam a Bibliotequinha, o acervo infantil disponibilizado até a quarta série de ensino fundamental. Quando questionados sobre quais os serviços que a Bibliotequinha possui e eles mais gostavam, a Hora do Conto foi a principal lembrança. Mostra, assim, que ainda nessa idade, eles preferem ouvir histórias a ler que lê-las, tomando emprestados livros, o que era sempre incentivado após a contação de histórias. Conforme já explanado no referencial teórico deste estudo, a contação de histórias para alunos em fase de desenvolvimento escolar é um importante ativo. Percebe-se que as atividades desenvolvidas para aprenderem o uso da Biblioteca são as menos expressivas, pois só um aluno escolheu esta alternativa.

A estrutura da Biblioteca não foi o enfoque do instrumento de coleta de dados, porém, a satisfação quanto ao atendimento das bibliotecárias foi um ponto importante também para levantar o contentamento desses usuários com relação aos serviços oferecidos e, também, sugerir as possíveis mudanças na postura do quadro de pessoal. Obviamente, esse levantamento não pode servir de base para opiniões gerais, porém, dentro desse segmento de usuários, a maioria está plenamente satisfeita ou satisfeita. Esse dado é importante para a equipe da Biblioteca, que percebe que de alguma maneira o seu trabalho está de acordo com as expectativas dos alunos. Porém, os mesmos alunos satisfeitos opinam, na questão 9, que o atendimento deveria mudar e as bibliotecárias deveriam ser mais atentas e prestativas.

Percebe-se que os usuários recém chegados nesta Biblioteca são bastante críticos quanto ao atendimento e o acervo. As bibliotecárias têm a preocupação de manter o acervo

atualizado, em virtude de que os recursos financeiros, sempre que solicitados, são supridos. A elas também cabe disseminar estes livros que os usuários citam como “livros mais legais”, “livros para nossa idade”, pois o acervo de literatura juvenil é bem diversificado e rico. O que se percebe é a falta de ações para a disseminação destes documentos e da localização dos livros no acervo e uso do catálogo.

Busca e uso de informação é criação pessoal de sentido individual do ser humano. Desse modo, e fazendo uso da informação, o usuário consegue transpor os chamados “vazios de informação”, que aparecem em seu caminho. Quando não têm dúvida ou indecisões quanto às suas necessidades, os indivíduos se movem continuamente em direção aos seus objetivos. Entretanto, vazios aparecem frequentemente, a ponte necessária para transpô-los é função das estratégias empregadas pelos indivíduos para buscar e utilizar as fontes de informação, isto é, para a solução de seus problemas e tomada de decisões. Cabe a biblioteca promover ações que identifiquem esse processo e permitam que as necessidades de informação sejam sanadas satisfatoriamente.

Em virtude dos fatos mencionados, a concretização das propostas de Planos de Ação de Orientação e Sensibilização do Programa de Educação de usuários apresentados como apêndices (B, C e D) neste estudo, os quais visam a superação das eventuais deficiências apresentadas por esses alunos, seria de grande importância para o desenvolvimento de competências informacionais destes usuários.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos componentes indispensáveis em um Programa de Educação de Usuários é a utilização da biblioteca como um espaço de interação entre as políticas informacionais e educacionais. Assim, projetar esforços para desenvolver atividades que incentivem de maneira agradável a utilizá-la é um dos intuitos dos Planos de Ação Orientação e Sensibilização apresentados neste estudo, e parte de um Programa de Educação de Usuários que pode, futuramente, ser ampliado.

O levantamento da literatura da área e o conhecimento do nível de satisfação dos usuários de quinta série, que se iniciam no uso da Biblioteca estudada serviram como desafios para a elaboração de um Programa de Educação de Usuários, como suporte para a ampliação de conhecimentos para a Acadêmica, e, também, de base para o desenvolvimento do trabalho bibliotecário já consolidado há alguns anos nesta Escola.

A literatura na área de educação de usuários é, de certo modo, um pouco confusa, pouco consolidada. Termos são empregados para coisas que não são iguais; pouca literatura é escrita ou atualizada por bibliotecários brasileiros; alguns poucos estudos de caso são apresentados. Porém, trata-se de uma área ainda em expansão de estudos. A realização do referencial teórico foi uma experiência valiosa para a acadêmica pois a partir dele foi possível compreender que o trabalho bibliotecário não é somente um “fazer técnico”, mas especialmente a oportunidade de aprendizado e instrução para outros. Este estudo oportunizou também a percepção da importância da interdisciplinaridade no desenvolvimento atual do trabalho em bibliotecas, em especial as escolares, incluindo conhecimentos psicopedagógicos, como os apresentados, sobre o Desenvolvimento Intelectual da Criança segundo Piaget e o conhecimento da legislação educacional.

Retomando os objetivos propostos neste estudo, a partir do diagnóstico da satisfação no uso da Biblioteca pelos usuários da quinta série, constatou-se que há várias lacunas que ainda precisam ser preenchidas. As principais deficiências apresentadas foram: muito desconhecimento acerca dos recursos disponibilizados na Biblioteca; desconhecimento do acervo; falta de discernimento sobre a literatura disponibilizada; utilização da biblioteca principalmente para realização de tarefa, além de utilizar, em sua maioria, os gibis e não um material mais consistente de informação. A principal preocupação, portanto, é o descontentamento com o atendimento das funcionárias e o desconhecimento da existência da base de dados para pesquisa. Muitos ainda solicitam a ajuda das funcionárias, mas uma grande quantidade de alunos pesquisados prefere buscar o material autonomamente.

Assim, o último objetivo proposto neste estudo foi concretizado, já que a criação de um Programa de Educação de Usuários foi sugerida à Biblioteca Manoelito de Ornellas a partir das eventuais dificuldades apresentadas pelos alunos da quinta série de ensino fundamental, com vistas à superação das mesmas. Isso favorece o desenvolvimento de competências informacionais através das ações de Sensibilização e Orientação, sendo esse o objetivo geral do estudo.

A proposta do Programa respondeu à questão principal deste estudo, contendo os elementos necessários para a realização de um Programa de Educação de Usuários apoiado nas eventuais dificuldades dos usuários pesquisados e beneficiando a aquisição de competências em informação através de ações. Ações essas que incluem a **publicidade da Biblioteca, visitas orientadas, atividades para o uso adequado da Biblioteca (acervo, Base de Dados, internet, literatura) e atividades para desenvolvimento da leitura e escrita**, além de **atividades complementares**.

Acredita-se que todos os envolvidos neste estudo estarão sendo beneficiados por ele, pois foi possível aumentar o conhecimento de quem o desenvolveu, o diagnóstico atualizado da Biblioteca pesquisada pelos seus “novos usuários” e a elaboração de um Programa de Educação de usuários com vistas ao favorecimento de competências informacionais.

O que se pode concluir em decorrência deste estudo é que a modernização de uma biblioteca não dá somente no plano tecnológico, mas, sobretudo, ela deve permitir que todos possam usufruí-la de maneira igual, especialmente quando se conhece seus recursos e serviços. À biblioteca escolar, cabe educar seu usuário desde que adentra pela primeira vez suas portas para que esse seja um usuário autônomo na busca e uso de informação, e que dela extraia algo para seu futuro como cidadão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. A Coleção da Biblioteca Escolar. In: CAMPELLO, Bernadete. **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Cap. 6, p. 29-32.

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS. **Information Power: building partnerships for learning**. Chicago, ALA, 1998. Disponível em <http://www.ala.org/aasl/aaslproftools/informationpower/informationliteracystandards_final.pdf>. Acesso em: 29 maio 2008.

BERG, Katharina L. Projetos e Ações da IASLI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília, DF, **Anais**. . . Brasília, DF: FEBAB, 2007. 01 CD-ROM.

BONOTTO, Martha E. K. K. Reflexões Sobre a Biblioteca Escolar. In: SIQUEIRA, Neiva Alves de; XAVIER, Adriana Gonçalves; MEDEIROS, Simone Cristina S. (Org.). **Saberes Específicos**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, Secretaria da Educação, 2007. p. 161-176.

BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. Adolescência e Leitura: a contribuição da escola e da biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais**. . . Porto Alegre: Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 2000. 01 CD-ROM.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, de 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 08 nov.2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC; SEF,1997.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 520, de 11 de setembro de 2002. Dispõe sobre as Bibliotecas Escolares e dá providências correlatas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, de 11 set. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2007.

_____. Lei nº 11.274, de 20 de Fevereiro de 2006, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Modificação do Art. 32 da Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Fixa o ensino fundamental obrigatório em nove anos e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, de 20 fev. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em: 08 nov. 2007.

CAMPELLO, Bernadete. O Movimento da Competência Informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003.

_____. O Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar da UFMG e as Idéias que Fundamentaram sua Criação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA,

DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília, DF, **Anais**. . . Brasília, DF: FEBAB, 2007. 01 CD-ROM.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O Desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel de bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v.8 , p. 47-55, jan/dez. 2000.

CARVALHO, Maria da Conceição. Internet e Pesquisa Escolar. In: CAMPELLO, Bernadete. **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Cap. 7, p. 33-36.

COLÉGIO FARROUPILHA. **Biblioteca**. Disponível em: <<http://www.farroupilha.g12.br>>. Acesso em: 10 set. 2007.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília, DF, **Anais**. . . Brasília, DF: FEBAB, 2007. 01 CD-ROM.

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DUDZIAK, E.A. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

FARIA, Sueli. Competências do Profissional da informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 26-33, maio/ago. 2005.

FIGUEIREDO, Nice. **Estudo de Uso e Usuários de Informação**. Brasília, DF: IBICT, 1994.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB**, Florianópolis, n. 2, p. 169-173, 2005.

GUINCHAT, Claire; MENU, Michel. **Introdução Geral às Ciências e Técnicas de Informação**. Brasília, DF: IBICT, 1994.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Unesco School Library Manifesto**. 2000. Disponível em :<<http://www.ifla.org/VII/pubs/schollmanif.htm>>. Acesso em : 25 set. 2007.

KUHLTHAU, Carol C. **Como Usar a Biblioteca na Escola: um programa de atividades para pré-escola e ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIEBSCHER, Peter. Quantify with Qualify? Teaching quantitative and qualitative in an LIS master's program. **Library Trends**, Chicago, v. 46, n. 4, p. 668-680, 1998.

MACEDO, Neusa dias de. **Biblioteca Escolar Brasileira em Debate**. São Paulo: CRB 8, 2005.

MILANESI, Luis. **O que é Biblioteca**. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MIRANDA, Antonio. A Ciência da Informação e a Teoria do Conhecimento Objetivo : um relacionamento necessário. In: SIMEÃO, Elmira (Org.). **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília, DF: Thesaurus, 2003. Cap. 9, p. 173-187.

MIRANDA, Silvânia. Identificando Competências Informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília , DF, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004.

MONFASANI, Rosa Emma; CURZEL, Marcela Fabiana. **Usuários de la Información: formación e desafíos**. Buenos Aires: Alfagrama, 2006.

NARANJO VELÉZ, Edilma. Formación de Usuarios de la Información y Procesos Formativos: hacia una concepción. **Investigación Bibliotecológica**, Mexico City, v. 19 n. 38, jan/jun. 2005. Disponível em :<<http://www.ejournal.unam.mx/iibiblio/vol18-38/IBI03803.pdf>>. Acesso em : 15 out. 2007.

NEVES, Iara C.B. **Pesquisa Escolar nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: bases para um desenvolvimento interativo entre a sala de aula e a biblioteca escolar**. 2000. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Sueli Ferreira Júlio de. A Contribuição dos Esforços de Educação de Usuário para a Formação dos Usuários de Informação tecnológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 2000. 01 CD-Rom.

PETERSON, Rosemary; FELTON-COLLINS, Victoria. **Manual Piagetiano para Professores e Pais**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

RIO GRANDE DO SUL. **Constituição do Estado do Rio Grande do Sul**, atualizada pelo Departamento de Assessoramento Legislativo – Superintendência Legislativa- até a Emenda Constitucional de 16 de fevereiro de 2007. Capítulo II, Seção I, da Educação, da Cultura, do Desporto, da Ciência e Tecnologia, da Comunicação Social e do Turismo. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/prop/legislacao/constituicao/constituicao.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

_____. Lei Nº 5.741 de 14 de maio de 1969. **Lei do Sistema Estadual de Educação do Rio Grande do Sul**. Indica medidas para a educação estadual e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.ceed.rs.gov.br/ceed/dados/usrl/html/index.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

SALES, Fernanda de. O Ambiente Escolar e a Atuação Bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. 18, p. 40-57, jul/dez 2004.

SANT'ANNA, Flávia Maria; ENRICONE, Délcia; ANDRÉ, Lenir Cancelli. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 1986.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

SOCIETY OF COLLEGE, NATIONAL AND UNIVERSITY LIBRARIES- SCONUL. **Seven Pillars of Information Literacy**. 1999. Disponível em: <www.sconul.uk> Acesso em: 04 out. 2007

SUAIDEN, Emir José. A Biblioteca Pública no Contexto da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago, 2000.

TELLES, Leandro. **Do Helfsverein ao Colégio Farroupilha**. Porto Alegre: ABE de 1858, 1974.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Prezado (a) aluno (a) usuário da Biblioteca Manoelito de Ornellas,

Solicitamos responder ao presente questionário que tem por finalidade verificar a sua satisfação em relação ao uso da Biblioteca. As informações coletadas serão utilizadas em um trabalho acadêmico do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

Agradecemos sua colaboração!!

Instruções para Preenchimento

Por favor, leia atentamente e responda a todas as questões. Após responder, favor entregar para o balcão de empréstimos da Biblioteca. Sua opinião é muito importante para o nosso trabalho e para a melhoria dos serviços da Biblioteca.

Questionário

1 Sexo

masculino feminino

2 Você costuma ir a Biblioteca para (responda no máximo 2 opções) :

empréstimo

estudo e/ ou leitura

acesso a Internet

solicitação de tarefa pelo professor

outra razão. Qual? _____

3 Com que frequência você costuma utilizar a Biblioteca?

- diariamente
- semanalmente
- quando o professor solicita uma tarefa
- não costumo utilizar com frequência

4 Você utiliza o catálogo on-line da Biblioteca para pesquisa?

- Sim, sei utilizar o catálogo
- Não
- Desconheço a existência de um catálogo on-line

5 Ao buscar um material na Biblioteca, como você normalmente reage?

- Procura direto nas estantes
- Solicita ajuda as bibliotecárias
- Tem outra atitude. Qual? _____

6 Quais os materiais você costuma utilizar? (máximo 2 respostas)

- Livros didáticos
- Revistas
- Literatura Juvenil
- Gibiteca
- Outro. Qual? _____

7 Dos serviços que você lembra que a Bibliotequinha disponibilizava, qual você mais gostava?

- Hora do Conto
- Atividades para aprender o uso da Biblioteca
- Empréstimo domiciliar
- Outra. Qual? _____

8 Com relação ao atendimento das funcionárias da Biblioteca, você está:

- Plenamente satisfeito, pois sempre saio com a informação que procurava
- Satisfeito, elas costumam me ajudar quando solicito
- Pouco satisfeito, quase nunca tenho ajuda das funcionárias e saio sem o que venho buscar
- Insatisfeito. **Por quê?** _____

9 Deixe sua opinião ou sugestão para a melhoria da nossa Biblioteca.

APÊNDICE B

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS DA BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição: Biblioteca Manoelito de Ornellas do Colégio Farroupilha;

Endereço: Rua Carlos Huber, nº 1025, Bairro Três Figueiras Porto Alegre;

Horário de funcionamento: 7h30min às 18h30min;

Responsável: Bibliotecária Vera Lúcia Merlo;

Equipe: Vera Lúcia Merlo, Karin Caselli, Tânia Jacques e Tânea Cerutti;

Participantes: alunos da 5ª série do ensino fundamental;

Duração: um ano letivo;

Período de execução: fevereiro a novembro de 2009.

2 JUSTIFICATIVA

A Biblioteca Manoelito de Ornellas está ligada a uma das mais tradicionais instituições escolares do Rio Grande do Sul, o Colégio Farroupilha. Esta instituição, com mais de cem anos de existência, visa proporcionar ao seu aluno a construção de um conhecimento através de uma metodologia dialógica, transformando-o em um ser reflexivo, crítico e socialmente participativo.

Consciente destes fundamentos, a equipe da Biblioteca Manoelito de Ornellas, tendo em vista que inicia o atendimento ao aluno a partir da quinta série do ensino fundamental, percebeu a necessidade de uma aproximação entre este aluno usuário e a biblioteca, partindo do pressuposto que terão neste primeiro ano, a oportunidade de conhecer os produtos e serviços oferecidos pela mesma.

Em virtude disto, a implantação de um Programa de Educação de Usuários, promoverá de maneira efetiva a participação da Biblioteca no processo de ensino-aprendizagem, a partir das atividades de sensibilização e orientação para o seu uso.

Deste Programa, são decorrentes o Plano de Sensibilização e o Plano de Orientação, visando o desenvolvimento das competências informacionais destes alunos. O plano de sensibilização consiste em propiciar o conhecimento geral da unidade de informação, mais do que uma prática do mesmo; já o plano de orientação visa uma breve introdução aos recursos da unidade de informação e a forma de utilizá-los. Isto é, o primeiro apresenta os recursos e serviços da biblioteca através de ações para tal, e o segundo instrumentaliza a forma e o uso destes recursos e serviços.

3 OBJETIVOS

A seguir, são apresentados os objetivos do Programa, divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

3.1 Objetivo Geral

Oportunizar a participação do aluno da quinta série do ensino fundamental no ambiente da biblioteca de modo a torná-lo independente e competente em seu uso através das atividades desenvolvidas.

3.2 Objetivos Específicos

- a) tornar os usuários conscientes da importância da biblioteca em sua formação como cidadãos;
- b) orientar o usuário para o uso adequado dos recursos e serviços informacionais disponíveis.

4 DESENVOLVIMENTO

Para a obtenção dos objetivos propostos, é necessário que as medidas a seguir sejam adotadas como elementos obrigatórios para que a partir deles, haja um desenvolvimento eficaz do Programa de Educação de Usuários.

4.1 PROCEDIMENTOS

A partir do Programa de Educação de Usuários, serão elaborados dois tipos de planos: o Plano de Sensibilização e o Plano de Orientação.

O primeiro terá como finalidade promover o uso da biblioteca através da apresentação de sua estrutura, distribuição de material de divulgação da biblioteca, palestras, divulgação em murais espalhados pela Escola, por exemplo.

O segundo terá como intuito de instruir os usuários através de atividades pedagógicas desenvolvidas na Biblioteca, ligadas ou não às matérias ensinadas em sala de aula.

Estes Planos figuram como apêndices neste Programa (C e D).

4.2 RECURSOS

Os recursos utilizados nos respectivos Planos citados acima serão divididos em : Recursos Humanos, Materiais e Financeiros.

4. 2.1 Recursos Humanos

As atividades previstas nos planos já citados serão desenvolvidas pela equipe da Biblioteca, sob a supervisão da bibliotecária-chefe Vera Lúcia Merlo.

4. 2. 2 Recursos Materiais

Os recursos materiais serão os que estão disponíveis na Biblioteca. Recursos materiais adicionais como DVD's, datashow, etc. serão disponibilizados pelo setor de Comunicação da Escola.

4.2.3 Recursos Financeiros

Os recursos financeiros são oriundos da Sociedade mantenedora da Escola (ABE).

5 CRONOGRAMA

O cronograma de execução do Programa engloba o ano letivo, dividido em três trimestres, com pausas nas férias escolares, que serão utilizadas para a avaliação das ações realizadas e a verificação das possíveis mudanças nos respectivos Planos, caso ocorram falhas.

Descrição das Atividades	1º Trimestre				2ª Trimestre			3º Trimestre		
	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Plano de Sensibilização	X	X	X	X	X	*				
Plano de Orientação			X	X	X	*	X	X	X	X

*Mês de férias escolares.

6 AVALIAÇÃO

Durante a execução dos Planos, serão desenvolvidas avaliações para mensurar sua eficiência, utilizando os critérios adotados a seguir:

6. 1 De Processo

Na avaliação de processo serão focados os instrumentos e os seus critérios propostos.

6. 1. 1 Instrumentos

Através da técnica de observação, será verificada a qualidade das atividades propostas pelos Planos de Ação. Esta técnica consistirá no registro, em um formulário, pela equipe da Biblioteca, dos pontos positivos e negativos durante a execução dos planos. Tal observação será feita através da análise de comportamento dos usuários durante as atividades desenvolvidas.

Junto aos usuários, serão examinadas suas opiniões através de um formulário simples, pois nesta faixa etária, as crianças não têm tanta disponibilidade para responder questionários longos ou que lhe tomem tempo após a execução das atividades.

Outra técnica utilizada também será uma entrevista estruturada informal com professores e coordenadores de ensino para verificar junto a estes as possíveis modificações e se os Planos estão de acordo com a proposta pedagógica da Instituição.

6. 1. 2 Critérios

Os critérios são relacionados ao tipo de parâmetro empregado para a verificação da eficiência de cada plano executado.

Na observação, através do formulário, serão adotados os critérios: Plenamente Satisfatório (PS); Satisfatório (S); Regular (R) e Não Satisfatório (NS). Estes critérios servirão como parâmetro a partir da observação da equipe quanto à satisfação do usuário nas atividades e da satisfação da equipe na execução das atividades.

Nos formulários utilizados para os alunos, critérios mais “lúdicos”, menos formais, serão adotados, como: 😊 Gostei () 😐 Não gostei muito () ☹️ Não gostei().

6. 1. 3 Condições

As condições se relacionam ao local físico e em qual momento esta avaliação será feita no decorrer do Programa.

A observação será feita na Biblioteca e durante as atividades desenvolvidas. Os formulários serão aplicados ao final de cada atividade e no local onde serão desenvolvidas estas atividades.

6. 2 De Produtos

A avaliação de produtos consistirá na verificação da qualidade e eficiência dos materiais utilizados durante as atividades. Desse modo, serão verificados a partir de instrumentos, critérios e condições.

6. 2. 1 Instrumentos

Para a verificação da qualidade dos materiais utilizados, serão incluídas nos **formulários de observação**, questões relativas aos materiais usados, com o intuito de obter opiniões da equipe quanto a estes produtos.

6. 2. 2 Critérios

Os critérios utilizados são os mesmos do item 6.1.2 relativos ao formulário de observação.

6. 2. 3 Condições

Os formulários serão realizados ao final de cada atividade, no local da mesma.

APÊNDICE C

PLANO DE AÇÃO PARA A SENSIBILIZAÇÃO DE USUÁRIOS DA QUINTA SÉRIE DA BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. 1 Instituição

Colégio Farroupilha.

1. 2 Setor

Biblioteca.

1. 3 Chefia

Vera Lúcia Merlo.

1. 4 Implementação do Plano de Sensibilização

A seguir são indicadas as pessoas envolvidas na implementação deste Plano.

1. 4. 1 Responsáveis

Equipe da Biblioteca : duas bibliotecárias e duas auxiliares de biblioteca.

1. 4. 2 Participantes

Alunos da 5ª série do ensino fundamental.

1. 4. 3 Duração do plano

Quatro meses letivos.

1. 4. 4 Período de Execução

Fevereiro a junho/2009.

2 JUSTIFICATIVA

Com o estudo da satisfação dos usuários com relação ao uso da Biblioteca, o mesmo demonstrou que há um desconhecimento por parte dos alunos da quinta série dos recursos e serviços que a mesma oferece.

Desse modo, este Plano se propõe a atrair estes usuários para o seu ambiente, através de ações de sensibilização, fazendo com que estes conheçam seus recursos e serviços e tornem-se usuários efetivos da Biblioteca.

3 OBJETIVOS

Os objetivos propostos ao Plano são divididos em objetivos gerais e específicos.

3.1 Objetivo Geral

Tornar os usuários conscientes da importância da biblioteca em sua formação como cidadãos.

3.2 Objetivos Específicos

- a) familiarizar o usuário com os recursos e serviços de informação disponíveis na Biblioteca;
- b) proporcionar atividades que concorram para a fixação dos conhecimentos adquiridos.

4 DESENVOLVIMENTO

O Plano se desenvolverá a partir dos seguintes procedimentos: Publicidade e Atividades Específicas.

4. 1 Publicidade

- a) divulgação nos murais da Escola e no *site* da Instituição sobre o Plano de Sensibilização, com a fixação de cartazes em murais e janelas *pop-up* no *site* da Escola;
- b) divulgação em sala de aula das atividades de sensibilização, com a distribuição de *folders*;
- c) divulgação do Plano aos coordenadores do ensino fundamental e na Sala dos Professores, com a distribuição de *folders* e conversas informais, explicando a importância da participação de todos os envolvidos para a obtenção de resultados satisfatórios.

4. 2 Atividades Específicas

As atividades específicas serão divididas em Visita a Biblioteca e Palestras.

4. 2 .1 Visita

Visita guiada na Biblioteca, com breve apresentação do acervo de livros e da área de circulação de documentos, incluindo uma visita à mesa da bibliotecária-chefe.

- a) duração: 45 minutos;
- b) ministrante: equipe da Biblioteca
- c) visita ao acervo de livros:
 - descrição da atividade: caminhada entre as estantes para conhecimento dos documentos que formam o acervo;

- d) visita a “ilha” (como é chamada a área de circulação de documentos);
- descrição da atividade: a equipe demonstrará, para cada turma, as atividades desempenhadas na “ilha”, como a confecção de lombadas, a venda de livros didáticos, o empréstimo domiciliar, etc.
- e) mesa da bibliotecária;
- descrição da atividade: a bibliotecária-chefe conversará com os alunos e contará as principais atividades que realiza na biblioteca, podendo explicar também sobre como escolheu esta profissão e da sua importância para o desenvolvimento não só da biblioteca, mas também da Escola e de seus alunos.

4. 2. 2 Palestra 1

A primeira palestra apresentará a Biblioteca, além de realizar uma apresentação introdutória do *link* que a Biblioteca possui no *site* da Escola e de alguns materiais que são oferecidos a estes alunos.

- a) Conteúdo: apresentação da Biblioteca;
- b) duração: duas aulas de 40 minutos cada;
- c) ministrante: Bibliotecária-chefe;
- d) Atividade 1: Relato do histórico da Biblioteca:
- materiais utilizados: *datashow* para apresentação de *slides*; fotos antigas da Biblioteca; fotos antigas da Escola; fotos recentes de ambos; livros e documentos que relatem o histórico da Biblioteca ;
- descrição da atividade: explanação do histórico da Biblioteca Manoelito de Ornellas, como e quando surgiu, breve história do patrono, etc. A partir da apresentação de slides com as fotos antigas da Escola e da Biblioteca, a bibliotecária responsável pela atividade chamará a atenção para as diferenças existentes entre as épocas (antiga e atual), como vestuário dos alunos na época, disposição do acervo, a não existência de computadores, etc., despertando a curiosidade dos alunos e fazendo-os interagir na palestra, sem

que essa seja maçante ou os deixe inquieto, tendo em vista, que nesta faixa etária eles não possuem capacidade de concentração por longos períodos;

e) Atividade 2: Apresentação do link da Biblioteca no site da Escola e de seus recursos e serviços:

- materiais utilizados: terminais de computadores com acesso à internet;
- descrição da atividade: a bibliotecária responsável conduzirá os alunos para um local onde possam ter acesso à internet, e dirá que tem uma ferramenta muito importante de pesquisa para apresentar-lhes. Acessará o *site* da Escola, onde se encontra um *link* para a Base de Dados Winisis. É importante, neste momento, dar uma explicação introdutória sobre a Base, somente para conhecimento geral. Discorrerá sobre as formas de busca, contudo, não farão uma busca completa, pois isso será realizado posteriormente, na próxima palestra.

f) Atividade 3 : Explicação acerca dos recursos do acervo e seus materiais:

- materiais utilizados: materiais bibliográficos do acervo como: livros didáticos, literatura juvenil, enciclopédias, revistas, gibis, etc.;
- descrição da Atividade: a bibliotecária responsável demonstrará os materiais selecionados. O processo interativo poderá ser da seguinte forma: explicar aos usuários que tal livro possui tal desígnio. Tomando como exemplo, uma enciclopédia, na qual eles encontrarão informações sobre assunto, que servirá de base para tarefa. Outro exemplo é esclarecer qual a função de lazer do gibi, fazendo um contraponto com as diferentes funções destes documentos. É importante que os alunos entendam o porquê da seleção de determinado livro para determinada tarefa, e onde encontrarão a informação mais relevante para as tarefas solicitadas em sala de aula.

4. 2. 3 Palestra 2

A segunda palestra abordará os recursos e busca de informação no acervo da Biblioteca e a apresentação da Base de Dados para busca de materiais de informação.

- a) conteúdo : classificação do acervo e apresentação do catálogo *online*;
- b) duração: uma aula de 45 minutos;
- c) ministrante: bibliotecária;
- d) Atividade 1: Aplicação das noções do Sistema de Classificação Bibliográfica utilizada na Biblioteca – CDU:

- materiais utilizados: cartazes com alguns exemplos de classificação da Biblioteca, livros pertencentes ao acervo da Biblioteca;
- descrição da atividade: breve explicação sobre a classificação do acervo. A bibliotecária demonstrará, através de cartazes e livros da Biblioteca, por que os livros “carregam” em suas lombadas números e como eles se encontram ordenados no acervo.

- e) Atividade 2: Apresentação da Base de Dados WINISIS para consulta do catálogo *online*:

- materiais utilizados: terminais de computadores com acesso à internet;
- descrição da atividade: logo após a atividade desenvolvida anteriormente, a bibliotecária aprofundará a pesquisa na Base de Dados da Biblioteca. Demonstrará as formas e opções de pesquisa (por autor, título e assunto), fará, para cada opção, uma busca e explanará, de forma breve, como esta Base é alimentada pela equipe da biblioteca.

f) Atividade 3: Exposição da sinalização e ordenação do acervo:

- materiais utilizados: livros pertencentes ao acervo;
- descrição da atividade: aqui, a bibliotecária levará os alunos para conhecer o acervo, explicando que na lateral de cada estante há a indicação de localização dos livros, estes divididos por seus assuntos e separados na estante por ordem alfabética de autor. Explicará que, as buscas feitas na base de dados darão a localização dos livros que eles terão que buscar. Ao final, questionará se há alguma dúvida sobre o que foi mostrado, solucionando-as.

Ao final desta aula, serão distribuídos marcadores de página com instruções para o uso do catálogo da Biblioteca.

4. 3 Recursos

Os recursos utilizados para a realização do Plano serão: humanos, financeiros e materiais.

4. 3. 1 Humanos

A equipe da Biblioteca executará todas as tarefas, salvo o setor de informática da Escola que auxiliará na divulgação do Programa no *site* da Escola.

4. 3. 2 Financeiros

Os recursos financeiros são advindos da mantenedora da Instituição. Os recursos disponibilizados estão em torno de R\$ 2.000,00 ao mês.

4. 3. 3 Materiais

Os materiais utilizados serão:

- a) *datashow* para exposição nas palestras;
- b) terminais para acesso à internet para apresentação do *site*, da Base de Dados, etc.;
- c) materiais de divulgação como:
 - *folder* de divulgação do Programa;
 - guia da Biblioteca;
 - marcadores de página;
 - cartazes para divulgação.

5 CRONOGRAMA

O Plano de Sensibilização será ministrado no primeiro trimestre letivo, logo após o início das aulas e concluído antes das férias escolares de Julho, de acordo com o cronograma abaixo:

Descrição das Atividades	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN
Publicidade	X	X	X	X	
Palestra 1		X	X		
Palestra 2				X	X
Visita		X			

A carga horária ainda não pode ser determinada com precisão devido a não definição dos horários que serão utilizados para palestra e visita. Estão sendo previstas as atividades citadas nas duas horas após os recreios da manhã e tarde, antes da saída dos alunos. Estes horários podem ser reduzidos de acordo com a Coordenação de Ensino do ensino fundamental da Escola.

6 AVALIAÇÃO

Os procedimentos do Plano de Sensibilização serão avaliados ao final de sua realização através de formulário simples dirigido aos usuários, conforme abaixo:

COLÉGIO FARROUPILHA - BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS

TURMA :

Atividade : _____ (A bibliotecária preenche/digita aqui o nome da atividade do dia)

O que você achou da atividade realizada hoje:

☺ Gostei ()

☹ Não gostei muito ()

☹ Não gostei ()

Quer deixar alguma sugestão? _____

A técnica de observação será utilizada pela equipe da Biblioteca, que ao final de cada atividade, fará uma análise do comportamento dos usuários quanto à proposta de Sensibilização.

Nesta análise, serão utilizados os seguintes critérios para cada atividade desenvolvida:

Quadro- Plano de Sensibilização

ATIVIDADE	PS (Plenamente Satisfatório)	S (Satisfatório)	R (Regular)	NS (Não Satisfatório)	Observações
Publicidade					
Palestra					
Visita					

Para a avaliação junto aos professores, uma entrevista simples será formulada, de acordo com as necessidades da Biblioteca, para fins de constatação da adequação das atividades com a proposta pedagógica desenvolvida em sala de aula e resultados percebidos pelos professores das atividades junto aos alunos.

APÊNDICE D

PLANO DE AÇÃO PARA ORIENTAÇÃO DE USUÁRIOS DA BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. 1 Instituição

Colégio Farroupilha.

1. 2 Setor

Biblioteca.

1. 3 Chefia

Vera Lúcia Merlo.

1. 4 Implementação do Plano de Orientação

A seguir, são indicados as pessoas envolvidas na implementação deste Plano e o seu período de duração.

1. 4. 1 Responsáveis

Equipe da Biblioteca.

1. 4. 2 Participantes

Alunos da 5ª série do ensino fundamental.

1. 4. 3 Duração do Plano

Seis meses letivos.

1. 4. 4 Período de Execução

Abril a novembro/2009.

2 JUSTIFICATIVA

O intuito do desenvolvimento deste Plano de Orientação partiu da verificação junto aos usuários da quinta série sobre as suas satisfações com relação ao uso da Biblioteca, que demonstraram que há pouca integração como usuários, assim, desconhecendo quais os produtos e serviços que a Biblioteca oferece.

Em vista disso, a elaboração de um Plano de Orientação, realizado após as atividades de Sensibilização, que proporcionarão o conhecimento dos recursos e serviços oferecidos, através das ações propostas, propiciará o desenvolvimento das habilidades de localização de materiais, habilidades como interpretação, avaliação e seleção.

3 OBJETIVOS

Os objetivos deste Plano dividem-se como objetivos geral e específicos.

3.1 Objetivo Geral

Orientar os usuários para o uso adequado dos recursos e serviços informacionais disponíveis com vistas ao desenvolvimento de habilidades informacionais.

3.2 Objetivos Específicos

- a) tornar o usuário autônomo na busca de informação, a partir do desenvolvimento das habilidades de avaliação e seleção dos documentos;
- b) estimular o hábito da leitura;
- c) propiciar o conhecimento das ferramentas de informação disponíveis tanto na Biblioteca, como fora desta.

4 DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento do Plano, os seguintes procedimentos serão realizados: Publicidade e Aulas.

4.1 Publicidade

- a) divulgação no *site* da Escola da apresentação do Plano de Orientação, fixação de cartazes em murais e janelas *pop-up* no *site* da Escola;
- b) divulgação em sala de aula do Plano de Orientação, com a distribuição de *folders*;
- d) divulgação do Plano aos coordenadores do ensino fundamental e na Sala dos Professores, com a distribuição de *folders*, e conversas informais explicando a importância da participação de todos os envolvidos para a obtenção de resultados satisfatórios.

4.2 Aulas

Os seguintes conteúdos serão trabalhados conforme o Plano Geral de Aulas a seguir apresentado.

PLANO GERAL DE AULAS

Conteúdo 1: Demonstração Prática de consulta e Recuperação dos Materiais no Catálogo *Online* da Biblioteca (ver 4. 2.1)

Aula 1: Explorando Booleanos (ver 4. 2.1.1)

Aula 2: Localizando Livros (ver 4. 2. 1. 2)

Aula 3: Explorando a Internet (ver 4. 2. 1. 3)

Conteúdo 2: Descobrimo as Fontes de Informação e Estimulando o Hábito de Leitura (ver 4. 2.2)

Aula 1: Quem é o assunto? (ver 4. 2 .2. 1)

Aula 2: Coleção de Revistas (ver 4. 2. 2. 2)

Aula 3: Se é jornal, é atual! (ver 4. 2. 2. 3)

Aula 4: Multiplicando as leituras (ver 4. 2. 2. 4)

Aula 5: Citando a fonte (ver 4. 2. 2. 5)

4. 2. 1. Conteúdo 1: **Demonstração prática de consulta e recuperação dos materiais no catálogo *online* da Biblioteca.**

4. 2. 1. 1: Aula 1: Explorando Booleanos

Esta atividade ajuda os usuários a entender o arranjo alfabético de uma enciclopédia e oportuniza a prática de localização de informação sobre um assunto, utilizando o recurso da lógica *booleana*. Os recursos utilizados serão enciclopédias eletrônicas e em suporte papel.

- a) duração: 1 hora;
- b) ministrante: Bibliotecária atuará em todas as atividades desenvolvidas, podendo solicitar ajuda da equipe quando necessário;
- c) materiais utilizados: enciclopédias em papel e eletrônicas, além de microcomputadores da Biblioteca ou da sala de informática da Escola;
- d) descrição da atividade: a bibliotecária apresentará as enciclopédias em suporte papel, solicitando logo após que citem assuntos que podem ser encontrados nas mesmas. Estes assuntos serão listados em um canto de um quadro negro e, em seguida, escreverá *pessoas, coisas e lugares* no alto do quadro. Após, solicitará que indiquem as categorias às quais pertencem em cada um dos assuntos, explicando que uma enciclopédia abrange informações sobre estes assuntos. A bibliotecária incluirá alguns assuntos para poder abranger dentro a categoria **coisas** a palavra **galinhas** (que será utilizada no próximo momento da aula, conforme exemplo). Entregará para cada um o volume de uma enciclopédia em papel e orientará quanto aos recursos para localização de determinado assunto: o arranjo alfabético dos verbetes e as palavras-guia. Pedirá que procure em alguns minutos alguma informação sobre um animal dentro da categoria coisas. Após, solicitará que façam uma leitura rápida dos verbetes, estimulando assim, que cada um comente com os colegas como localizou o assunto. Na segunda parte da

aula, conduzirá o grupo para sala com acesso à internet para uma aula sobre uma enciclopédia eletrônica. Iniciará explicando que há várias formas de encontrar um assunto, demonstrando que duas formas são as mais usuais: localizar o verbete em uma lista alfabética que aparece na tela ou digitar o assunto em um espaço apropriado. Explicará que para localizar assuntos mais complexos podem usar o recurso de combinar palavras. Ilustrará as possibilidades, como a palavra **galinhas**, a seguir:

galinhas – encontram-se todos os verbetes com a palavra **galinhas** ou variações como **galinha**;

galinhas* - encontram-se todos os verbetes ou partes de verbetes que iniciam com **galinhas**;

galinhas **and** ovos – encontram-se todos os verbetes que contêm as palavras **galinhas** e **ovos**;

galinhas **or** ovos - encontram-se todos os verbetes que contêm as palavras **galinhas** e os que contêm a palavra **ovos**;

galinhas **not** ovos – encontram-se todos os verbetes que contêm a palavra **galinhas** e não contêm a palavra **ovos**;

“galinhas produzem ovos” - encontram-se todos os verbetes que contêm a frase “**galinhas produzem ovos**”.

4. 2. 1. 2 Aula 2: Localizando livros

Esta atividade ensina a usar o catálogo para localizar os materiais por título, autor e assunto.

a) duração: 40 minutos;

- b) materiais utilizados: livros de não-ficção da biblioteca e computadores com acesso *online*.;
- c) descrição da atividade: serão selecionados livros de não-ficção para cada grupo de dois alunos, estes livros escolhidos os que contenham cabeçalhos de assuntos óbvios como CACHORRO, FUTEBOL, etc. A bibliotecária explicará que existem três maneiras de procurar um determinado assunto no catálogo *online* da Biblioteca: por autor, por título e por assunto. Distribuirá para cada dupla um livro e solicitará para localizá-lo no catálogo, a partir das três informações (autor, título e assuntos). Solicitará para cada dupla copiar as informações obtidas, logo após, que as leiam para os colegas. Orientará para que percebam que o último sobrenome do autor aparece em primeiro lugar, seguido por uma vírgula e o primeiro nome. É importante chamar a atenção para outros tipos de informações relevantes na tela.

4. 2. 1. 3 Aula 3 : Explorando a Internet

Essa atividade introduz a internet como fonte de informação para estudo e lazer, ensina a identificar e usar *links*.

- a) duração: 1 hora;
- b) materiais utilizados: terminais de computadores com acesso à internet, *sites* da internet como: *www.terra.com.br/ crianca, etc.*, que contenham informações de boa qualidade, atualizadas e de interesse dos estudantes;
- c) descrição da atividade: a bibliotecária reunirá os alunos para uma aula sobre internet, questionando se já a utilizaram e de que maneira. Então, explicará que a internet é uma grande biblioteca, contudo, não somente formada por livros, mas por *sites*, e que estes, são formados por páginas. Explicará que para ir de uma página à outra, deve-se acessar *links*: estes *links* podem ser reconhecidos por certas características (palavras ou expressões em cores diferentes, e os ícones têm bordas coloridas). Demonstrará também o uso de alguns ícones tradicionais, isto é, ícones gerais, como, por exemplo, *avançar, recuar, home, etc.* Acessará um dos *sites* selecionados e fará as crianças

identificarem os *links* que permitem “navegar” dentro do *site*. Solicitará que cada aluno abra um deles e relate o que encontrou. Sinalizará que os *sites* também permitem que *links* relacionem outros *sites*, e clicando nestes *links*, podem “navegar” na internet. Indicará *sites* que remetem a outros, solicitando que abram um deles e observem as informações, com o relato do que encontraram.

4. 2. 2 Conteúdo 2 : **Descobrimo as fontes de informação e estimulando o hábito da leitura.**

4. 2. 2. 1 Aula 1 : Quem é o assunto?

Esta atividade familiariza os alunos com os vários tipos de fontes biográficas da Biblioteca e dá a oportunidade de localizarem informação de uma determinada pessoa, além de estimular a lerem biografias.

- a) duração: 50 minutos;
- b) materiais utilizados: fontes biográficas da coleção da Biblioteca;
- c) descrição da atividade: a biografia de uma pessoa que esteja sendo estudada em sala de aula será selecionada, incluindo diversas fontes: biografias individuais e coletivas, dicionários biográficos e enciclopédias. Será discutida com os alunos a definição de biografia. É interessante comentar como as biografias são organizadas na Biblioteca e que há diferentes tipos de biografias. Importante também esclarecer cada uma das fontes biográficas (biografias individuais e coletivas, dicionários biográficos e enciclopédias), chamando a atenção para onde estas fontes se localizam na Biblioteca. Destacará a importância de outra fonte biográfica, a pessoa-fonte, e quais as possibilidades de encontrar fontes biográficas que não somente em registros bibliográficos, mas também em registros em cartórios, árvores genealógicas, cemitérios e familiares do biografado. A classe será dividida novamente em grupos de três ou quatro

alunos, sendo distribuídas a cada grupo uma das fontes biográficas selecionadas. Serão dados dez minutos para que folheiem e discutam a biografia. Após, cada grupo descreverá a biografia selecionada e explicará se é um livro inteiro sobre uma pessoa, um livro sobre várias pessoas, ou um livro de referência com informação biográfica resumida. Os alunos serão estimulados a mostrar onde a biografia está localizada na Biblioteca e contar diversos fatos interessantes, que encontraram sobre a vida da pessoa escolhida. Logo após, a bibliotecária os instigará a retirarem uma biografia e usar as fontes de referências biográficas.

4. 2. 2. 2 Aula 2: Coleção de revistas

Esta atividade familiariza os alunos com a coleção de revistas da Biblioteca. Dá-lhes a oportunidade de ler revistas por prazer ou para busca de informação.

- a) duração: 30 minutos;
- b) materiais utilizados: coleção de revistas da Biblioteca;
- c) descrição da atividade: serão selecionados os últimos fascículos das revistas que a Biblioteca possui em seu acervo. Assim, cada revista será apresentada e seu conteúdo e formato descritos rapidamente, sobretudo, chamando a atenção para a especialidade de cada revista, tal como, vida animal, esportes, informática, além de mostrar suas diversas ilustrações. Os alunos serão estimulados a folhear as revistas, observando a variedade dos tópicos cobertos e logo após, encorajados a tomar emprestada uma revista para ler.

4. 2. 2. 3 Aula 3 : Se é jornal, é atual!

Esta atividade amplia a compreensão de que os jornais são uma fonte de informação corrente, além de ensinar os alunos a localizar informações nos diversos cadernos e seções de jornais. Também dá a oportunidade de conhecerem os jornais disponíveis na internet.

- a) duração: 50 minutos;

- b) materiais utilizados: dois exemplares de jornais diários recentes, endereço eletrônico de jornais diários, fichas sem pauta e microcomputadores de acesso à internet;
- c) descrição da atividade: assuntos que foram notícia nas últimas semanas serão selecionados e anotados em fichas. A classe será dividida em grupos e um jornal será distribuído para cada grupo. A bibliotecária recordará que o jornal é uma fonte de informação atualizada e que as matérias estão organizadas em cadernos e sessões. Logo após, será distribuída uma ficha para cada grupo, pedindo-lhes para localizarem aquele assunto ou informação. Dará dez minutos para que realizem a tarefa. Posteriormente, cada grupo relatará em que parte do jornal ou seção encontrou o assunto ou informação. Os nomes das seções serão anotados no quadro. É conveniente chamar a atenção para o fato de que cada jornal dá títulos diferentes para os cadernos, mas que a estrutura geral de todos é semelhante. Em seguida, os alunos serão conduzidos à sala de informática, com a finalidade de realização de uma aula sobre jornais na internet, esclarecendo que existem vários jornais disponíveis na rede. Acessarão um jornal eletrônico, com a exposição da bibliotecária sobre os vários recursos existentes para localização das notícias. Será observado que os nomes das seções do jornal disponível *online* são iguais aos do jornal impresso. Cada grupo explorará uma sessão e escolherá uma notícia interessante para relatar aos colegas.

4. 2. 2. 4 Aula 4: Multiplicando as leituras

Esta atividade oportuniza o compartilhamento do conhecimento sobre autores e livros entre os alunos.

- a) duração: 45 minutos;
- b) materiais utilizados: cartolinas de cores variadas, lápis de cor, lápis preto, caneta hidrocor, cola e tesoura;
- c) descrição da atividade: os alunos serão estimulados a escolher um livro que tenham lido recentemente e que recomendariam para os colegas. Logo após,

serão informados que prepararão um cartaz para ser exibido na Biblioteca com o intuito de divulgar o livro escolhido. Cada cartaz deve incluir o título, autor e número de chamada do livro. É importante encorajá-los a escrever uma breve descrição do livro, de tal maneira que outras crianças desejarem lê-lo. Os alunos ilustrarão seus cartazes de forma a atrair os futuros leitores. Quando todos tiverem terminado os cartazes, cada um mostrará o seu e discorrerá brevemente sobre ele. Os cartazes serão exibidos na Biblioteca para a apreciação dos outros usuários.

4. 2. 2. 5 Aula 5 : Citando a fonte

Esta atividade instrui os alunos como elaborar referências. Os alunos precisarão praticar e ter a oportunidades de lembrar como elaborar uma bibliografia. Esta atividade amplia o modelo de referência, incluindo autor, título, editora e data.

- a) duração: 40 minutos;
- b) materiais utilizados: cópias de exemplos de referências para cada aluno, livros de não-ficção, papel e lápis preto;
- c) descrição da atividade: uma lista de referências será elaborada e duplicada pela bibliotecária, servindo como modelo, abrangendo a referência de um livro, uma revista, uma fita de vídeo ou DVD e um *site* da internet, utilizando as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Será desenvolvida com os alunos a idéia de que uma bibliografia é uma lista de referências de materiais que têm algo em comum, salientando a questão do plágio e as conseqüências de não citarem a fonte de trechos ou idéias de um autor que utilizarão em seus trabalhos, além de referir em que ocasiões precisarão usar aspas. Um modelo de referência será distribuído a cada aluno, explicando cada entrada: de autor, título, data e editora. A bibliotecária discutirá estes elementos, elucidando as perguntas e dúvidas. Após, cada aluno receberá um livro de não-ficção e será

solicitado para elaborarem a referência do livro, usando o exemplo de bibliografia como modelo. Os exercícios serão recolhidos ao final da aula, corrigindo-os e verificando quem precisa de orientação individual. Este exercício poderá ser reforçado com uma variedade de outros materiais.

Obs.: O bibliotecário deverá combinar com os professores para solicitar sempre as citações das fontes utilizadas nos trabalhos.

4. 3 Atividades Complementares às Aulas

As atividades a seguir servirão de complementação para as atividades realizadas anteriormente, com a finalidade de fixação destas, podendo ser incluídos outros exemplos de atividades a partir do levantamento da opinião dos envolvidos nos Planos com a obtenção da avaliação e adequação em cada atividade desenvolvida.

- a) conteúdo: **Explorando as Estantes da Biblioteca e a Produção de Textos.**
- b) ministrante: Bibliotecária-chefe.

4. 3. 1 Atividade 1 : Jogo dos Números de Chamada

Esta atividade familiariza os alunos com os números de chamada utilizados na Biblioteca e sua relação com a localização dos livros nas estantes.

- a) duração: 30 minutos;
- b) materiais utilizados: folhas de cartolina, canetas hidrocor e fita crepe;
- c) descrição da atividade: a bibliotecária responsável copiará em cada folha de cartolina um número de chamada que represente uma das classes do sistema de classificação da biblioteca. Deverá incluir o mesmo número de classificação com diferentes notações de autor. Explicará aos alunos que eles farão uma

atividade onde se transformarão em livros. Os alunos serão divididos em duplas e folhas de cartolina serão distribuídas de modo que um aluno ajude o outro a colar em suas costas estas folhas. Os alunos que estão com as cartolinas coladas irão para frente da turma e os outros devem colocá-los em ordem. Terminada a tarefa, outras fichas são distribuídas até que todos tenham participado.

4.3.2 Atividade 2: Busca por Assunto

Esta atividade familiariza o aluno com a busca por assunto no catálogo e o descobrimento dos números de chamada.

- a) duração: 30 minutos;
- b) materiais utilizados: tiras de papel;
- c) descrição da atividade: a bibliotecária introduzirá a atividade aos alunos mencionando que podem utilizar o catálogo para descobrir materiais informacionais sobre assuntos nos quais estejam interessados. Induzirá a que pensem em alguns assuntos nos quais gostariam de pesquisar. A medida em que forem citando os assuntos, serão escolhidos de seis a dez destes que poderiam constituir cabeçalhos de assunto encontrados no catálogo. Então, serão listados estes assuntos no quadro e, logo após, a classe será dividida em grupos de três a quatro alunos. Após, a bibliotecária escreverá cada um dos cabeçalhos de assunto em tiras de papel, dando a cada grupo uma das tiras. Desse modo, pedirá que pesquisem no catálogo o assunto que receberam e anotem o número de chamada de dois livros correspondentes a estes assuntos. Um aluno de cada grupo poderá escrever o número de chamada no quadro, ao lado do assunto correspondente. Em seguida, a Bibliotecária os orientará para se dirigirem às estantes e retirar os livros correspondentes. É interessante deixá-los folhear ou ler partes dos livros encontrados, verificando assim, se combinam com os cabeçalhos de assunto.

4.3.3 Atividade 3 : Qual é o Assunto?

Esta atividade permite converter a linguagem do aluno para a terminologia usada nos cabeçalhos de assunto da Biblioteca.

- a) duração: 30 minutos;
- b) materiais utilizados: papel e lápis preto;
- c) descrição da atividade: serão listados no quadro alguns termos como, por exemplo, *carros*, *trens*, *aviões*, *fazenda*, *piadas*, podendo se tomar como exemplo e reforçar o termo *galinhas* utilizado anteriormente (ver 4.2.1.1). Em seguida, será explicado que se alguém desejar informações sobre os tópicos listados acima poderá ter alguma dificuldade em localizá-los no catálogo, pois não constituem cabeçalhos de assunto usados no catálogo. A bibliotecária pedirá para os alunos pensarem em outros termos que possuem o mesmo significado e que possam ser cabeçalhos de assunto existentes no catálogo. A classe será dividida em grupos para encontrarem os termos alternativos. Quinze minutos são suficientes para complementarem a tarefa. Logo após, alguns alunos serão convidados para que descrevam como foram encontrados os cabeçalhos de assunto apropriados. A bibliotecária escreverá os cabeçalhos de assunto corretos no quadro após cada termo, como exemplo abaixo:

carros→ automóveis
trens→ ferrovias
aviões→ aeronaves
fazenda→ agricultura
piadas→ humor
galinhas→ aves

Obs: Esta atividade pode ser realizada individualmente, podendo utilizar outros termos.

4.3.4. Atividade 4: Autobiografia

Esta atividade dá a oportunidade aos estudantes de se familiarizarem com as autobiografias como gênero literário. Escrevendo sobre suas lembranças, irão compreender que um conjunto de lembranças de sua própria vida constitui uma autobiografia.

- a) duração: 45 minutos;
- b) materiais utilizados: lápis preto, caneta e papel;
- c) descrição da atividade: a bibliotecária pedirá aos alunos para lembrarem algo que lhes aconteceu e esteja gravado em suas memórias. Explicará que poderá ser alguma coisa engraçada, triste ou alegre. Dará um tempo para que reflitam e relembrem. Aconselhará para que revolvam seus pensamentos até que tenham uma lembrança sobre a qual gostariam de escrever. Explicará que não precisa ser uma história completa, mas um acontecimento que consideram que não deva ser esquecido. Vinte minutos são suficientes para escreverem. Após, será solicitado para lerem em voz alta ou entregarem seus textos a um amigo especial, para ser lido em silêncio, com a finalidade de compartilharem suas lembranças. É importante explicar que, se continuarem a escrever suas lembranças, terão uma coleção de lembranças e o começo de uma autobiografia.

4.3.5 Atividade 5: Agenda de Leituras

Esta atividade ajuda os alunos a se familiarizarem com vários autores e suas obras e escolher autores favoritos. Ajuda-os a comparar e a avaliar os livros que leram.

- a) duração: uma aula de 1 hora e aulas complementares ao longo do ano;
- b) materiais utilizados: cadernos de anotação (um para cada criança) e caneta;
- c) descrição da atividade: a bibliotecária recomendará às crianças que mantenham uma agenda com anotações dos livros que leram e que lerão ao

longo do ano. Desse modo, fará com que preparem suas agendas: inicialmente devem elaborar a folha de rosto na primeira página, incluindo o título “Minha agenda de leituras”, seus nomes e data. Explicará cada passo e que é difícil lembrar-se de um livro que leram depois de um certo tempo. Esta agenda vai ajudá-las a lembrarem das leituras durante o ano. Solicitará que anotem o autor, título e quando for um livro da Biblioteca, o número de chamada. Estimulará também a escreverem um pequeno trecho que identifique cada livro lido, resumindo a história. Solicitará também para fazerem anotações do livro que leram recentemente e, caso não tenham lido nenhum livro que queiram anotar, sugerirá que escolham um livro para ler. Aos demais, dará dez minutos para anotarem os livros em suas agendas, fazendo com que compartilhem os livros que leram, trocando suas agendas com seus colegas.

Obs.: As agendas podem ficar com as crianças ou serem mantidas na Biblioteca. Se permanecerem com as crianças, existe a possibilidade de perda, porém, possibilita fazerem anotações sobre livros sem estarem limitadas às atividades da Biblioteca, além de proporcionar seu senso de responsabilidade. É interessante organizar aulas ocasionais durante o ano, para anotações e compartilhamento. Pode-se fazer uma exposição na Biblioteca das agendas ao final do ano. É importante, também, estimulá-las a guardarem suas agendas para se lembrarem do que leram naquele ano.

4. 3 Recursos

Os recursos utilizados no Plano serão: humanos, financeiros e materiais.

4. 3. 1 Humanos

Equipe da Biblioteca.

4. 3. 2 Financeiros

Os recursos financeiros são advindos da mantenedora da Instituição. Os recursos oferecidos estão em torno de R\$ 2.000,00 ao mês.

4. 3. 3 Materiais

Os principais materiais utilizados serão:

- a) computadores para acesso à internet;
- b) materiais bibliográficos da Biblioteca (livros, jornais, etc.)
- c) materiais de escritório como canetas, lápis, papéis, etc.;
- d) tutorial de consulta ao catálogo *online*;
- e) normas da ABNT;
- f) *datashow* para explanação em sala de aula do Plano de Orientação.

5 CRONOGRAMA

O Plano de Orientação será ministrado nos meses de abril a novembro de 2009, exceto o mês de julho, quando ocorrem as férias escolares. Possui a finalidade de estabelecer, em longo prazo, o conhecimento destes alunos na busca e recuperação da informação na Biblioteca Manoelito de Ornellas, além de incentivar o hábito da leitura a partir das atividades desenvolvidas, conforme o cronograma abaixo:

Descrição Das Atividades	ABR	MAIO	JUN	AGO	SET	OUT	NOV
Publicidade	X	X					
Aulas			X	X	X	X	X

6 AVALIAÇÃO

Os procedimentos do Plano de Orientação serão avaliados ao final de sua realização através de formulário simples dirigido aos usuários.

A seguir, um modelo deste formulário.

<p>COLÉGIO FARROUPILHA - BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS</p> <p>TURMA :</p> <p>Atividade : _____ (A bibliotecária preenche/digita aqui o nome da atividade do dia)</p> <p>O que você achou da atividade realizada hoje:</p> <p>☺ Gostei () ☹ Não gostei muito () ☹ Não gostei ()</p> <p>Quer deixar alguma sugestão? _____</p>

A técnica de observação será utilizada pela equipe da Biblioteca que, ao final de cada atividade, fará uma análise do comportamento de seus usuários quanto à proposta de Orientação.

Nesta análise, serão utilizados os seguintes critérios para cada atividade desenvolvida:

Quadro- Plano de Orientação

ATIVIDADE	PS (Plenamente Satisfatório)	S (Satisfatório)	R (Regular)	NS (Não Satisfatório)	Observações
Publicidade					
Aula					

Para a avaliação junto aos professores, uma entrevista simples será formulada, de acordo com as necessidades da Biblioteca, para fins de constatação da adequação das atividades com a proposta pedagógica desenvolvida em sala de aula e resultados percebidos pelos professores das atividades junto aos alunos.

APÊNDICE E- MODELO DE FOLDER

COLÉGIO FARROUPILHA

BIBLIOTECA MANOELITO DE ORNELLAS



Sempre atuante na Escola, como fonte do processo de educação, a Biblioteca Manoelito de Ornellas estimula o prazer e o gosto pela leitura, a formação do juízo crítico de seus usuários, além de possibilitar a socialização entre os mesmos.

A Biblioteca conta com um acervo aberto, diversificado, com Literatura Juvenil; Livros Didáticos e Para-didáticos; Literatura em Geral, além de um acervo de periódicos nacionais e em língua alemã.

Os Principais serviços que a Biblioteca oferece:

- 📖 Acesso ao Catálogo *online*;
- 📖 Orientação à pesquisa Bibliográfica;
- 🖱️ Acesso à Internet para Pesquisa;
- 📖 Empréstimo Domiciliar de Livros.

Novidade: Agora os alunos da 5ª série farão atividades para compreender a importância do uso da Biblioteca e da informação. Aguardem a agenda de atividades!!!

Para maiores informações:

Endereço: Rua Carlos Huber, 425 Bairro Três Figueiras Porto Alegre, RS

Contatos: biblioteca@farroupilha.g12.br

Fone: (51)3382. 1817

Bibliotecária responsável: Vera Lúcia Merlo CRB 10/615

Horário de Atendimento: segunda a sexta-feira, das 7h30min às 18h.